

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO - Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES - 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

A SITUAÇÃO POLITICA DA AUSTRIA

Um quarto de hora com o principe Starhemberg

que expõe ao enviado especial do **Diário de Lisboa**
a missão que a Heimatschutz desempenha na politica austriaca



O principe Starhemberg conduz ele proprio o seu avião

VIENA, abril.—O principe Ernesto Rodrigo Starhemberg, vice-chanceler da Austria e chefe federal da Frente Patriótica, é hoje o representante mais qualificado da juventude nacionalista austriaca, o «Führer» da Heimatschutz, que reuniu em volta do seu nome uma força considerável, constituída na sua maioria por gente nova e de sangue na guelra.

O principe Starhemberg conta apenas 36 anos de idade. Representante da velha nobreza austriaca, a sua infancia decorreu sem cuidado no castelo de Eferding, na Alta Austria, onde nasceu. Mais tarde frequentou o liceu de Gmunden e era ainda estudante liceal quando estalou a guerra.

Em 1917, com 18 anos apenas, alistou-se no Exército, seguindo para a frente russa, donde voltou pouco depois para se incorporar nas tropas que combatiam contra a Italia, na frente ocidental. Tomou parte como alferes na batalha do Piave e recebeu por esse motivo a sua primeira condecoração: a medalha de prata de valor militar.

Terminada a guerra e depois da revolução que expulsou os Habsburgos da Austria-Hungria, o principe Starhemberg estudou jurisprudência e filosofia em Innsbruck e Munich. Em 1921 encontrava-se á frente da administração das propriedades da familia, na posse das quais entrou em 1927 como morgado.

O começo da sua actividade politica data da primavera de 1928, em que começou a dedicar-se á organização da Heimatschutz. Foi nomeado a principio chefe do grupo da Alta Austria e em setembro de 1930 assumia a direcção suprema do movimento.

Nesse mesmo ano entrou, como ministro do Interior, para o gabinete Vaugoin, sendo pouco depois eleito membro do Conselho nacional. No ano seguinte, porém, depôs o seu mandato.

Quando rebentou na Estíria o putsch de Pfrimer, em setembro de 1931, o principe Starhemberg foi preso como chefe do movimento Heimatschutz e restituído pouco depois á liberdade.

As ligações politicas da sua mocidade eram francamente germanofilas e hitlerianas. Alistado no corpo de voluntarios «Oberland», de que mais tarde foi chefe, lutou contra as invasões polacas na Alta Silesia e participou, como estudante universitario, da primeira tentativa que Hitler pôs em prática para tomar conta do poder.

Em setembro de 1928, o principe Starhemberg unia-se pelo matrimonio á condessa Maria Elisabeth Salm-Reifferscheidt. Finalmente, em 1 de maio de 1934, depois da acção decisiva que desenvolveu com os seus soldados voluntarios na revolução socialista de fevereiro, foi nomeado vice-chanceler da Austria e ao mesmo tempo chefe da frente militar, desportiva e patriótica.

Em seguida ao assassinio de Dollfuss, o seu nome foi indicado para assumir o cargo de chanceler. O principe Starhemberg, porém, não aceitou e propôs o nome do actual chanceler federal, dr. Schuschnigg, ficando ele como chefe supremo da Frente Patriótica e ao mesmo tempo «Führer» da frente militarizada, que abrange a Heimatschutz e a Heimwehr.

Não foi sem dificuldade que o enviado especial do *Diário de Lisboa* conseguiu ser introduzido junto do principe Starhemberg, depois de laboriosas e demoradas negociações que nos fizeram perder o melhor tempo da nossa estada em Viena.

A Heimatschutz tem a sua sede social, digamos assim, na Wallnerstrasse, 9, uma rua apagada do centro de Viena, proximo do palacio onde habitou o imperador Francisco José. Em vez dum centro militar e patriótico, dir-se-ia um simples escritorio comercial, modestamente instalado num segundo andar, onde nos recebe o chefe de serviço da imprensa do principe, Herr Kramer, junto dum jovem official da Heimatschutz que nos serve de interprete.

A entrada para a sede da Heimatschutz não oferece a menor dificuldade e não se nota tão pouco qualquer vigilância especial. O porteiro é um moço fardado com o uniforme verde da corporação, que aceita o nosso bilhete de visita e volta pouco depois, acompanhado duma dactilógrafa sorridente, que nos introduz no gabinete do chefe do serviço de imprensa.

Grandes cartazes com o retrato do principe Starhemberg afixados nas paredes constituem a unica nota politica da casa.

Depois de expormos o nosso desejo de entrevistar o principe, o amavel sr. Kramer pede-nos um questionario e marca-nos nova audiencia para o dia seguinte.

Eram 10 horas quando voltámos á Wallnerstrasse, preparados para a decantada entrevista, que não se realizou ainda nesse dia, porque o nosso questionario ia ser submetido á apreciação do principe.

Um aviso telefonico convoca-nos novamente para ir á sede da Heimatschutz, onde o principe Starhemberg nos recebeu desta vez, num gabinete modesto de casa comercial, entre recortes de jornais e revistas ilustradas que publicam profusamente o seu retrato.

Alto e desempenado dentro do seu uniforme verde, o principe Starhemberg acusa logo nas maneiras o homem de desporte, que conduz ele proprio o seu avião e que é, ao mesmo tempo, um apaixonado do automobilismo e de todas as manifestações desportivas.

A testa larga e os olhos claros imprimem-lhe um ar insinuante. Fala, como quasi todos os austriacos, com

uma voz doce, nazalando um pouco o seu francês e imprimindo ás palavras um tom de decisão que se traduz no rosto em contracções musculares, á semelhança da mascara de Mussolini.

Começou por se interessar pela nossa proeza desportiva, encantado com a narrativa que lhe fizemos da viagem. Quiz saber as nossas impressões de Viena e lamentou que o tempo não nos permitisse gosar o esplendor da capital austriaca, que sabe como nenhuma outra receber os estrangeiros.

Acêrca das declarações que lhe solicitamos, enviou-nos novamente para o seu chefe de Imprensa, que nos havia de entregar as respostas ao questionario que lhe dirigimos. E despediu-nos com um sorriso amavel e um cumprimento afectuoso, dentro do seu aprumo militar.

Reproduzimos em seguida textualmente as perguntas e as respostas que foram objecto do nosso questionario:

—Qual é a missão que a Heimatschutz tem a desempenhar na politica austriaca?

—A Heimatschutz austriaca é uma organização puramente patriótica cuja idéa é fascista. O fim da Heimatschutz é libertar a Austria dos movimentos sediciosos do partido social-democrata, que entre nós não era mais do que um movimento bolchevista, e ao mesmo tempo nacional-socialista vindo de Berlim.

«Foi o que sucedeu em fevereiro do ano passado com o ataque dos bolchevistas e com o putsch nacional-socialista de julho, dominado graças á intervenção da Heimatschutz».

«A nossa organização dirige-se contra os partidos politicos que, pela sua corrupção, ameaçavam arruinar o povo e o Estado. Hoje, a Heimatschutz faz parte do Governo e representa, dentro da Frente Patriótica, a vontade firme de contribuir para a formação politica de povo austriaco».

—E' um sistema fascista que pretendem introduzir na Austria ou é uma organização inspirada no fascismo, mas adaptada ás condições do povo austriaco?

—A idéa da Heimatschutz tem um caracter puramente austriaco e não foi inspirada, nem pelo fascismo estrangeiro, nem mesmo pelo fascismo italiano, mas sim adaptada ás circunstancias austriacas.

—Que pensa do Hanschluss?

—A Heimatschutz rejeita a idéa da união á Alemanha e combate por uma Austria livre e independente, embora alemã pela cultura e pela lingua.

—Seria util para a Austria a restauração da Monarquia?

—A questão de regime não é actual. A Heimatschutz pede apenas que se suprimam as leis que privam a familia Habsburgo duma parte dos seus bens.

—Que pensa dos resultados da conferencia de Stresa?

—A conferencia de Stresa marcou um progresso para a segurança da Europa, visto que as grandes potências decidiram que não se tocaria na neutralidade da Austria, não permitindo a outro país que se intromettesse nos seus negocios internos.

—A Austria defende a idéa da revisão dos tratados?



Luís António de Almeida

—O problema da revisão não é puramente austriaco, uma vez que as clausulas militares do tratado de paz foram abolidas.

—Qual é a sua impressão acerca do Pacto Danubiano?

—O projecto dum Pacto Danubiano appareceu já sob diversas formas e é difficil dizer hoje qual será a forma que deve tomar em definitivo. Em todo o caso, é absolutamente necessario que os Estados da Europa Central se liguem entre si para um trabalho economico. As barreiras alfandegarias que se erguem entre eles prejudicam hoje, mais do que nunca, e por forma perigosa, cada um desses Estados.

—Quais são os pontos de vista da Austria para a proxima Conferencia de Roma?

—Não podemos ainda formular julgamentos acerca da conferencia dos Estados do Danubio que deve reunir-se em Roma no dia 25 de maio. As negociações em curso devem produzir os seus frutos, segundo o desenvolvimento que tomar a politica externa, se á proxima reunião presidir o mesmo espirito de solidariedade e de amizade cordeal que caracterizou a conferencia de Stresa.

«Só deste modo se poderão alcançar os progressos da construção economica da Europa Central e o bem estar da Europa inteira».

Vieram ultimamente algumas declarações que atribuem ao principe Starhemberg o proposito de apresentar a sua candidatura á Presidencia da Republica austriaca, a fim de assegurar, no momento proprio, o regresso dos Habsburgos.

A esse respeito, nada conseguimos colher nas esferas que rodeiam o principe Starhemberg e que o defendem, ciosamente, contra a curiosidade dos jornalistas estrangeiros.

O «Diário de Lisboa» teve a proteção de uma boa estrela, a mesma que nos guiou através dos corredores sombrios da Chancelaria austriaca...

NORBERTO LOPES

Por uma coincidência interessante, esta entrevista saiu a lume precisamente no dia em que o principe Starhemberg completa 36 anos de idade, pois nasceu em Eferding, na Alta Austria, no dia 10 de Maio de 1899.

A este numero do «Diário de Lisboa», corresponde um suplemento literario de oito páginas

BOLSA DE LISBOA

10 de maio
CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 4 3/4 1934	—	1.121\$00	1.120\$00
Consolidado 5 1/2 0/0 1933	1.074\$00	1.070\$00	1.074\$00
4 1/2 0/0 1933	1.003\$00	—	—
4 0/0 1933	936\$00	—	—
Externo 3 0/0 1.ª Série	1.548\$00	1.547\$00	1.549\$00
3 0/0 2.ª	—	—	1.660\$00
3 0/0 3.ª	1.570\$00	1.570\$00	1.571\$00
Emp. 4 1/2 0/0 1912	—	—	2.180\$00
6 1/2 0/0 1930-Cons	521\$00	520\$00	522\$00
6 3/4 0/0 1930-Porto	—	511\$50	—
6 0/0 1932	1.029\$00	1.028\$00	1.030\$00
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	472\$00	485\$00
Lisboa & Açores, port.	—	380\$00	—
Corrigal, portador	1.050\$00	1.050\$00	—
Espirito Santo	610\$00	610\$00	—
C.ª DE SEGUROS			
Bonança	—	680\$00	700\$00
Fidelidade	—	15.300\$00	15.500\$00
Mundial	—	195\$00	—
Nacional	780\$00	775\$00	780\$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	1.000\$00
C.ª DIVERSAS			
C. P. ordinária	91\$00	90\$00	92\$00
privilegiada	—	—	—
Agua de Lisboa, port.	—	700\$00	710\$00
Cerveja Estrela	248\$00	247\$00	250\$00
Cimentos de Leiria	—	—	740\$00
Credito Predial	27\$00	—	27\$20
Gaz e Electricidade	358\$50	358\$00	358\$50
Navegação	—	—	—
Portugal e Colonias	77\$90	77\$70	78\$00
Portuguesa de Pesca	199\$50	199\$50	200\$00
de Tabacos	395\$00	394\$50	395\$00
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	—	—	—
COLONIAIS			
Açúcar de Angola	109\$00	108\$00	109\$50
Busi — 1.ª Emissão	44\$00	44\$00	44\$50
— 2.ª	43\$00	43\$00	41\$00
Ilha do Principe	166\$00	165\$00	167\$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	484\$00	483\$00	485\$00
Prediais 6 0/0 — 1912 1.ª	90\$50	90\$00	90\$50
7 0/0	117\$50	117\$00	118\$00
União Elect. Port. 7 1/2	—	—	—
Busi 9 0/0	—	116\$00	117\$00

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110\$00	110\$10
Paris	1\$49,2	1\$49,4
Madrid	3\$09,9	3\$55,1
New York	22\$65,1	22\$68,2
Zurich	7\$32,2	7\$33,2
Roma	1\$86,4	1\$86,6
Bruxelas	3\$83,1	3\$83,6
Amsterdão	1\$83,5	1\$83,5
Berlim	9\$10,9	9\$12,2
Praga	1\$34,6	1\$34,7
Rio de Janeiro	1\$26	1\$26,5
Libra ouro	—	—

Protecção á industria nacional

O «Diário do Governo» publica hoje um decreto que eleva os direitos de importação sobre o fibro-cimento em placas não especificadas.

Tem caspa?

Use RUTHER.

A venda na Farmacia Teixeira Lopes
154, Rua do Ouro, 156.

AUTOMOVEIS SEM CHAUFFEUR

Rua Antonio Maria Cardoso, 31
Tel. 2 3532

Teatro Nacional

A COMEDIA

"COMO SE FAZ UM HOMEM"

Grande criação de ESTEVAM AMARANTE
continua a sua triunfal carreira

TEATROS E CINEMAS

Luiza Durão no «Milho Rei»

Luiza Durão, que é das raras artistas que sabe sacrificar pelo teatro a sua frescura e o rosto bonito, fazendo caricaturas de revista, tem em Milho-Rei farto ensejo de ser aplaudida pela sua participação inteligente na peça vitoriosa no Maria Vitoria. E sem querermos apontar largamente o seu trabalho nos papeis de Praça do Brasil e Mulher do Explorador, aqui deixamos consignado o êxito que ela obtem no Selo Estragado, aquela simpática velhota que põe na celebração peça a nota mais emotiva de ternura e de afecto.

Ultimas de «Zé dos Pacatos»

A pedido geral do publico e dado que a estreia da nova revista Café com leite só se efectuará na proxima semana, a empresa do Apolo e a companhia Rafael Marques resolveram efectuar no proximo domingo, 12, as ultimas e definitivas representações da monumental revista Zé dos Pacatos, com três grandiosos espectáculos que se realizam em «matinée», às 15 e 30 horas, e duas sessões á noite, às 20 e 45 e 23 horas, todos a preços popularissimos.

«Como se faz um homem»

Quasi com um mês de representações, continua em cena no teatro Nacional com extraordinario êxito a deliciosa comedia «Como se faz um homem», bela criação de Estevam Amarante, com Adelina Abranches e os restantes elementos da companhia.

Peça plena de graça, com um alto sentido critico de actualidade, a comedia do Nacional marca na verdade, como o primeiro espectáculo da temporada no nosso teatro declamado.

Atrás do reposteiro

No Politeama foi posta de parte a idea de fazer estrear depois de Viva o amor!, ali em cena, a farsa As Manas Perliquitetas. Por esse motivo, entrou hoje ali em ensaios a celebre peça, extraída por Carlos Borges, do romance de Julio Deniz, Os Fidalgos da Casa Mourisca, com os principais papeis realizados pelos artistas Maria Matos, Alves da Cunha, Berta de Bivar, Maria Helena e José Gamboa.

Realizou-se ontem no teatro Ferreira homenagem ao actor Vasco Santana, na da Silva, em Torres Vedras, uma festa de qual tomou parte este artista e varios dos seus colegas do teatro Avenida.

Os quadros do 2.º acto da revista Peixe Espada, que vai estrear-se no Variedades, intitulam-se: 1.º, O «Noticias» de toda a parte; 2.º, Sangue de Cristo; 3.º, Mouraria «Modern Style»; 4.º, Tango Internacional; 5.º, Onção Nacional; 6.º, Prevenção rigorosa; 7.º, Jazz-Malveira Dancing; 8.º, Aldeia dos Insectos; 9.º, Sinfonia Oriental e 10.º, O Grito Selvagem (apoteose).

Começou hoje a fazer-se, no Apolo, a grande montagem da revista de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, musica de Raul Portela, Raul Ferrão e Bernardo Ferreira, Café com leite, cuja estreia, neste teatro, se efectua na proxima semana.

São prematuras todas as noticias acerca da futura exploração do S. Luiz como teatro, por isso que a respectiva empresa ainda não tem completo o seu elenco, embora continue trabalhando activamente nesse sentido.

E' esperado hoje em Lisboa, onde vem tratar de assuntos teatraes, o secretario-gerente do Sã da Bandeira, do Porto, sr. João Silva.

Os principais papeis masculinos da revista A Loja do Povo, em ensaios no Avenida, vão ser interpretados pelos actores Vasco Santana, Soares Correia, Abilio Al-

ves, Carlos Baptista e Assis Pacheco, que fará o «compère».

Maria Albertina, figura destacante do Trindade e da revista Bola de Neve, é todas as noites aplaudidissima nos numeros que executa, nos seus fados e na Canção da Cidade.

O actor Gil Ferreira, que é co-autor de duas revistas já representadas em Lisboa, está escrevendo uma outra, em um acto, para ser exhibida no Porto, durante a proxima época de verão.

No Capitolio realiza-se amanhã a ante-penultima «matinée» da moda deste ano, com cinema, baile e apresentação unica dos inconfundiveis bailarinos portugueses Lina e Salvador.

A empresa do Sã da Bandeira, do Porto, acaba de nomear seu representante em Lisboa, junto de um teatro popular, o actor-empresario Mendonça de Carvalho.

Rosa Mateus, director artistico do Trindade, e Janou, encenador de bailados e marcações, começaram ontem dirigindo os ensaios da revista popular o «Rapa», que ali se seguirá á actual «Bola de Neve».

«Deus, lhe pague», o grande êxito da actualidade, está na sua ultima semana de representações, pois na proxima sexta-feira, 17, sobe á cena, no Gimnasio, a peça em 3 actos imitação de René Castro «A dança dos milhões», assombrosa criação de Procopio Ferreira.

Actualidades

Está fechado contrato entre a empresa do Coliseu dos Recreios e o engenheiro Costa Simas, da Sociedade Iberica de Construções, Lda, (Sice), para o fornecimento e instalação naquella casa de espectáculos de um equipamento sonoro marca P. C. A. Photo-phone High Fidelity (alta fidelidade), projectores Super-Simplex e lanternas Peerless Magnarc, de alta intensidade, modelo moderno, unico em Portugal, como o das grandes salas mundiais Radio City Music-Hall, de Nova York (a maior e a mais rica sala do mundo), os grandes cinemas de Paris (Marignan, Paramount, Marivaux, Moulin Rouge, Rex, etc., etc.), e as primeiras salas de Londres, Madrid, etc., etc.

Anunciaram todos os jornais o proximo casamento de Richard Tauber com a actriz inglesa Dina Napier. O grande tenor vem agora dar, publicamente, um formal desmentido a esta noticia. Pensou... Paciencia! Retiramos as felicidades conjugais que lhes desejámos, tão sinceramente.

O celebre chefe de orquestra Erich Kleiber trabalha, actualmente, na adaptação ao cinema duma das grandes obras de Wagner.

Terminou já a tomada de vistas do novo filme de Charles Boyer e Katharine Hepburn, procedendo-se, neste momento, á sua montagem.

O filme O Principe João, que hoje se estreia no Odeon e Palacio, é extraído da peça de Charles Méré, que em Lisboa se representou no Trindade, com Samuel Diniz no protagonista.

O celebre director alemão Gunther Stapenhorst, a quem se devem os esplendidos filmes Emile e os detectives, Ronny, A Bela Aventura, Nos confins do mundo, Turandot, princesa da China, e ainda, por estrear entre nós Le diable en bouteille, Barcarole e Amphitryon 39, deixou os estúdios de Berlim para trabalhar em Inglaterra.

O popular comico Max Dearly vai trabalhar ao lado de Josephine Baker, no filme Princesse Tam-Tam, que Edmond Gréville realizará em principios do proximo mês.

TAUROMAQUIA

Prncipiou hoje a venda de bilhetes para a corrida de domingo, com o rejoneador-automobilista D. Luiz Aguado, o espada Obon, Casimiro Junior e touros de E. Infante

Os aficionados têm sólidas e bem fundadas esperanças de uma grande corrida no domingo, no Campo Pequeno.

Trata-se dos dois êxitos de 28 de abril: D. Luiz Aguado, presidente do Automovel Club de Valencia, «volante» extraordinario e primoroso rejoneador em automovel, dominador absoluto do seu magnifico carro, a que imprime as evoluções mais inverosímeis, e o matador Lazaro Obon, que demonstrou valentia por toneladas, sobretudo bandarilhando a quieto e com ferros de palmo.

E' tambem no domingo que é dada a alternativa de bandarilheiro ao novel praticante Joaquim Mõça, uma grande e brilhante promessa da nossa tauromaquia: planta de toureiro, calma absoluta, figura sempre erguida diante dos touros, intrinção extraordinaria de todo o toureiro.

Os outros lidadores são os cavaleiros Teixeira e Casimiro Junior, os peões do espada e do automobilista, os nossos Custodio, Agostinho, Mario Santos e Carlos Moreira, Plá Flores, que está um soberbo peão, e o grupo de Edmundo de Oliveira.

E touros puros, dos irmãos Infante da Camara! O do automobilista sai em pontas!

Abriu hoje a bilheteira de S. Domingos.

A corrida principiara ás 18 horas e tem a assistencia dos «teams» de foot-ball do Porto e do Sporting, cujo encontro começa ás 16 horas.

Uma bela charlotada em Santarem

A Praça de Touros de Santarem, do Hospital de Jesus Cristo, dá no proximo domingo uma charlotada, em que se apresentam os novos toureiros comicos «Charlot, D. Paco e seu anão», acompanhados da banda comica taurina «Os medrosos», de Elvas, que por sua vez se apresentam com a bailarina Betty e a cantadeira de fados Leonor Fialho. Ha cavaleiros, bandarilheiros e forçados, todos amadores da região. Os preços são baratissimos: sombra, 6\$00; sol 4\$00.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ

TELEF. 17172

A VIUVA ALEGRE

Realização de Lubitsch, musica de Franz Lehar, com Chevalier, Jeanette MacDonald, Danielle Parola, etc.

A's 21 e 30

CONDES

TELEF. 2 2533

A NOTA

DE MIL

A's 21 e 30

o filme das 46 vedetas
4 orquestras e 100 girls

ODEON

Telef. 2 6 83

O PRINCIPE JOÃO

A's 21 e 15

com Pierre-Richard-Willm e Natalie Paley

PALACIO

Manequins de Nova York

A's 21 e 30

uma cine-revista com Jimmy Durante, Cliff Edwards, Alice White, Alice Faye e 500 girls

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Telef. 4 7163

Sotée às 9 h.

Paganini

As Fronteiras do Amor

CAPITOLIO

Casa Internacional

Bilhetes a 1\$60

Escandalos Romanos

TERRASSE NAGANA

As 21 e 15

Telef. 2 0017

As duas Anny's

LYS

NAGANA

Telef. 4 8560

As 21 e 15

As duas Anny's

JARDIM

Os Miseraveis

CINEMA

1.º episodio

As 20 e 45

Charlot prestamista

ROYAL

Domingo:

As 20 e 30

Capitão dos Cosacos

Telef. 4 5037

Não ha amor como o segundo

Um esclarecimento

da Federação dos Vinicultores
acréscimo da fiscalização dos vinhos

A propósito de uma notícia publicada ante-ontem no *Diário de Lisboa* acerca da fiscalização de vinhos, recebemos da Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal o seguinte esclarecimento:

«No numero de 7 do corrente publicou o *Diário de Notícias* um longo protesto contra forma como a Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal está procedendo á cobrança da taxa de \$08 que, pela lei n.º 1.890, é autorizada a cobrar dos compradores de vinhos.

Esse longo protesto pode resumir-se assim:

1.º)—A Federação, autorizada a cobrar uma taxa aos compradores de vinho, cobra-a também dos produtores que fazem transitar vinhos para consumo proprio ou para offrendas a amigos.

2.º)—A Federação faz incidir a cobrança da taxa sobre os vinhos provenientes de regiões demarcadas.

Ao longo protesto publicado no *Diário de Notícias* e resumido nestes dois numeros, responde-se:

1.º)—Sempre que um produtor prove que um vinho é para seu consumo é-lhe passada uma guia gratuita.

Quanto aos generosos presentes de 200 ou 300 litros... uma hipotese:

A., produtor, quer vender a B., retalhista, uma certa partida de vinho. C., amigo de B., la recebendo em seu nome e á maneira de generosa oferta o vinho de A. que, sem qualquer encargo, era vendido por B. em condições de desleal concorrência com os seus pares.

Argumentar-se-á que acontece muitas vezes, não haver qualquer tentativa de fraude. Nesse caso ha uma pequena injustiça (bem pequena visto que o vinho foi dado) indispensavel para evitar injustiças maiores.

2.º)—Todo o vinho proveniente de regiões demarcadas que se faça acompanhar dum certificado de origem está isento de qualquer encargo por parte da Federação.

E eis tudo.

«Terá havido, num ou noutro caso, exageros, equívocos ou mal entendidos? É possível. O que não é possível a ninguém é provar que tendo reclamado, com justiça, perante a direcção da Federação, não tivesse sido prontamente atendido.

«E o que não é possível, também, é que para atender a todos os casos particulares se permitam aos candongueiros profissionais mais saídas além das que o seu espirito... de imaginação encontra. Apetece mesmo perguntar se os muitos protestos publicados, ao mesmo tempo, e em diversos jornais não é já o tal espirito de imaginação... a trabalhar».

A exposição de automoveis «Chevrolet» 1935

Tem sido largamente concorrida a exposição de automoveis «Chevrolet» modelo 935 na avenida da Liberdade, 206. Já aqui nos referimos a este ultimo modelo que se apresenta de linhas aero-dinamicas de elegancia tal, que o coloca ao nivel de qualquer marca de luxo. Em conclusão: o «Chevrolet», deste ano é o carro que mais satisfaz em todos os pontos de vista—uma verdadeira maravilha da tecnica.

Romagem funebre

Como annunciámos, realiza-se no proximo domingo, das 15 ás 17, uma romagem ao tumulo do marquês de Pombal, na capela da Memoria, em Belem.

Entre outras colectividades, tomará parte nessa romagem o Centro Escolar Republicano Almirante Reis.

Sarau de beneficencia

Foi adiado para o dia 18 o sarau de arte que devia realizar-se amanhã, no salão Jansen, em homenagem ao actor-empresario Rafael Marques e á companhia do teatro Apolo, em beneficio da cantina escolar da freguesia dos Martires.

Cai-lhe o Cabelo?...

Use RUTHER.

A' venda na Drogaria de Vicente Pimentel & Quintans, Lda, 194, rua da Prata, 196

ESTORIL

PALACIO HOTEL

Desconto de 20 % sobre os preços de quarto e pensão durante os meses de maio e julho.

DESPORTES

Consequencias dos 3-3

Publicámos ante-ontem algumas transcrições de jornais espanhóis que nos deram a conhecer como foi observado o encontro Portugal-Espanha em «foot-ball» pelos criticos vizinhos e ainda o que eles pensam a respeito do valor português nessa popular modalidade.

Mas ha mais e melhor. Eduardo Tens, considerado critico do «El Sol», chama a atenção da sua Federação para a conveniencia da Espanha espacar um pouco os encontros com Portugal. E afirma: «Os portugueses são excelentes amigos e os directores da Federação Portuguesa perfeitos cavalheiros, atentos e corteses; porém não nos convém a frequencia destas contendas. Ficámos a perder: expômos demasiado o nosso prestigio para que nos convenha. Portugal põe excessivo calor nestes desafios, duros e difficilimos para nós».

Por sua vez, o sr. Garcia Denan, alta figura de dirigente, presidente da Federação Espanhola e director da F. I. F. A., numa entrevista ao ABC emite o mesmo parecer: «Os partidos contra os portugueses precisam dum... descanso. Creio, que só daqui a algumas temporadas será oportuno repeti-lo. Agora, o «match» Espanha-Portugal pode esperar a sua repetição todo o tempo que seja necessario...».

Isto dizem os nossos amigos espanhóis, após o empate. Que diriam eles se nós tivéssemos ganho? Decididamente, o empate 3-3 do Lumiar teve o condão de os desorientar... Oxalá que o encontro da Espanha, no proximo domingo, contra a Alemanha, não lhes faça avivar ainda mais a dor provocada pelo resultado do Lumiar...—T. S.

«100 quilometros classicos»

A actual temporada ciclista promete ser muito animada. A União, dirigida pelo sr. Raul Vieira, procura movimentar o ciclismo português, dando-lhe disciplina e moralização.

No proximo domingo, dia 12, a U. V. P. organiza a prova classica de 100 quilometros, facultada a corredores de terceiras, segundas e primeiras categorias.

A inscrição fecha hoje e os concorrentes deverão apresentar-se ao jury, ás 8 e 30 prefixas, de domingo, devidamente equipados.

A comissão tecnica da União, de acordo com a respectiva direcção, resolveu introduzir varias modificações na forma de disputa dos campeonatos de velocidade e nacional de fundo.

Uma sessão solene

O Club Nacional de Nataçao realiza amanhã, nos salões do Lisboa Gimnasio, uma sessão solene seguida de baile, para distribuição de premios aos vencedores das provas de nataçao levadas a efeito na passada temporada.

Festival desportivo

No proximo domingo efectua-se no Club Desportivo de Pedrouços um festival desportivo com o seguinte programa: ás 13 e 30, inicio dos desafios de «basket-ball» entre este clube e o Probidade; ás 16, provas de nataçao, inter-socios, na piscina do clube; ás 17, exhibição da classe infantil de gymnastica; e ás 17 e 30, baile de homenagem aos atletas do clube.

Hockey em campo

Estão marcados para domingo, 12, os seguintes desafios: Benfica-Ateneu, nas Amoreiras, reservas, ás 13 e honra, ás 14 e 30; Belenenses-Campolide, nas Salesias, reservas, ás 15, e honra, ás 16 e 30.

Homenagem a Black

A direcção do Moto Club de Portugal oferece, amanhã, no Arcadia, pelas 20 horas, um jantar de homenagem ao distinto motociclista Alexandre Black, pela sua recente e brilhante actuação em Espanha, como vencedor absoluto do III Grande Premio Internacional de Barcelona, em competição com os ases europeus do motociclismo.

Taça de Honra

A Associação Lisbonense de Hand-ball pôs em disputa a «Taça de Honra» achando-se inscritos os seguintes clubes: Sporting, «Os Treze», Carcavelinhos, Academico, Belenenses, Benfica, Cascais e Probidade.

A primeira jornada realiza-se no Campo Grande, depois de amanhã, jogando ás 9 o Probidade e Belenenses, ás 10 e 15 Sporting-Benfica e ás 11 e 30 «Treze»-Academico, arbitrando respectivamente Anibal Marques, Aguiardo Guimarães e Carlos Garcia Lopes.

Rio Seco S. C.

O Rio Seco Sporting Club, comemorando o IIº aniversario da fundação da escola de instrução primaria do clube, organizou para o proximo domingo, na sua sede, ás 16 horas, uma sessão solene. Amanhã, na sede do Rio Seco, além duma interessante palestra, realizar-se-á uma alegre festa.

Atletismo no Sporting

Os treinos de atletismo do Sporting realizam-se todas as terças, quintas e sabados, no Campo Grande, pelas 17 horas. O Sporting pede a comparencia aos treinos de todos os asso-

ciados, encontrando-se desde já aberta a inscrição para a pratica do atletismo.

Festival no Algés e Dafundo

Depois de amanhã realiza-se a abertura da época de nataçao na piscina de verão do Algés e Dafundo. As escolas funcionarão todos os dias uteis sob a direcção de sr.ª D. Margarida Pala e dos srs. Hermano Patrone e Azinhais dos Santos.

Campeonatos de «tennis»

Nos «courts» do C. I. F., começam, amanhã, os campeonatos de Lisboa pares—Homens, de 2.ª categoria. A ordem dos encontros é a seguinte: ás 15 hoars: A. Simões Ferreira, Correia Pereira contra Antonio Simões, Domingos Constancio; J. Manuel Leitão, Antonio Leitão contra Campos de Andrada, Bonfim; Francisco Avilez, Henrique Leitão contra Sousa e Melo, Henrique Cunha. A's 17 horas: J. Vila Franca, A. Vila Franca contra N. N., N. N.; Manuel Silva, Pacheco Jorge contra Manuel Alvito, José Heredia; Mario Teixeira, Luiz Teixeira contra Ribeiro d'Almeida, Antero d'Abreu. A's 18 horas: C. Debonneire, Cau da Costa contra dr. Borges de Sousa, Silva Ponce; dr. F. Levy, José Levy contra N. N., N. N. As meias finais realizam-se no domingo de manhã e a final ás 16 horas.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Angelina Pereira Peixoto Tavelra, D. Emilia Rastello, D. Maria Valentina Osorio da Rocha e Melo, D. Joana Bianchi (Vale Paraíso), D. Josefa Arnado Arnaud, D. Maria Henriqueta de Matos de Vasconcelos Guimarães (Riba Tamega), e D. Germana Correia Trancoso.

PONTOS DE REUNIAO

No Cinema Condes

Assistencia elegante ás exhibições do actual programa neste belo «cine» da Avenida da Liberdade:

D. Nahir Burno do Prado, D. Pepita Teixeira Soares, D. Diva Correia de Oliveira, condessa de Arge, D. Helena Garcez Pinto Basto, D. Olga Pinto Basto de Lancastre, D. Fanny Fonseca, D. Ana Pereira de Sousa, D. Ana de Sousa Carriso, D. Delmina Loureiro Aranha e filha, D. Julia Farinha Formigal, D. Maria Fernandes de Oliveira Formigal, D. Maria José de Abreu, D. Leopoldina Moreira Rato Bacelar, senhora de Alberto Formigal, D. Zina Pombo da Ponte e Sousa,

D. Berta Rosa Sena, D. Marieta Berneaud Caiola e filha, D. Maria José Sousa Viegas, D. Elvira de Macedo, D. Ema Vitor, D. Lucilla Machado da Cruz Cisneiros Ferreira, D. Ester Machado da Cruz Oliveira Duarte, D. Eugénia Matoso da Fonseca, D. Gracinda de Castro Araujo, etc.

DOENTES

Na casa de saúde da Estrela foi operada com muito exito pelo illustre cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves a menina Maria Fernanda Gonçalves Pereira Duarte.

—Pelo cirurgião-especialista dr. Alberto Mendonça foi operado com muito exito o menino Guy Brito Chaves, o qual já se encontra completamente restabelecido.

«RUTHER»—É o tonico biologico que devem preferir para alimentar o bulbo piloso no crescimento dos seus preciosos cabelos.

A' venda na Drogaria Açoréana, de Ferreira & Ferreira, Lda, Rua da Prata, 99, 101

ELIZABETH ARDEN



Não prometo milagres, mas... sabe como converter uma pele descuidada, num rosto radiante de beleza.

Não perca V. Ex.ª a excelente oportunidade de consultar a sua

DELEGADA ESPECIAL,

que neste momento se encontra no estabelecimento dos seus unicos representantes,

DAVID & DAVID.

Até 17 do corrente, poderão ser marcadas consultas ou tratamentos.

Barbosa & Costa L.^{da}

Tem em exposição bonitas mobilias de escritorio que vende a preços de concorrência.

Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone 23562

A Cidade



Prove hoje mesmo sandwiches ou carnes frias acompanhadas de
SAVORA
a rainha das mostardas.

TRADIÇÕES ALFACINHAS

As marchas populares serão o grande numero pitoresco das Festas da Cidade

Têm continuado os ensaios das Marchas Populares dos Bairros que colaboram nas festas municipais de Lisboa, no proximo mês.

As Marchas Infantis—a novidade graciosa deste ano—de Campo de Ourique e de S. Miguel vão muito adiantadas, e devem constituir um exito esplendoroso.

Benfica começa a ensaiar amanhã—por deliberação tomada hoje, em definitivo—num recinto amplo do centro deste bairro. Alfama, Graça, Ohelas, Castelo, Alcantara e S. Vicente ensaiam nas suas sedes, algumas já com instrumentação.

Campolide começa a ensaiar, de apuro, no seu belo campo de jogos do Campolide Atletico Club, organizador da marcha; a Mouraria, num recinto amplo cedido especialmente; a Madragoa ensaia na sede da Associação dos Vendedores de Jornais; Santa Clara e Ajuda ensaiam em recintos que lhe foram cedidos por amigos do bairro.

A azafama da construção de cerca de 200 arcos iluminados é grande, e só por si constitui um curioso espectáculo.

Os maestros Raul Ferrão e Raul Portela, além de outros, vão assistindo gradualmente aos trabalhos preparatórios nos grupos filarmónicos. Os poetas concluíram os seus trabalhos; Francisco Brito é o grande poeta popular deste ano.

São cerca de quarenta os numeros de musica, popular e sugestiva, que as marchas apresentam—e muitos deles originais escritos propositadamente. A letra dos versos é, de uma maneira geral, nova.

Os guarda-roupas seguem normalmente, por figurinos do artista professor Martins Barata e de D. Maria Roque Gameiro, ilustre artista. Alguns dos trajes novos pertencem à indumentaria Castelo Branco, que tanto exito alcançou em 1934.

São cerca de 1.500 as figuras que tomam parte no cortejo grandioso e pitoresco de domingo, 9 de junho, e nas exhibições, dansas e canções populares de terça-feira, 11, no Parque.

A organização deste concurso do dia 11 está entregue ao cuidado e entusiasmo do engenheiro sr. Mauricio dos Santos, chefe destes serviços na repartição da Comissão das Festas.

A figura mais saliente da organização geral das marchas—complexo problema de transito e de disposição cittadina—é a do sr. capitão Mala Loureiro, director da Policia de Tránsito, e que a todos os num. os de cortejos e exhibições publicas dedica uma especial atenção, e em especial ao das Marchas Populares pelo seu caracter e pelas multidoes que desloca.

A conquista do Grande Premio e a preocupação fundamental de quasi todas as marchas, embora haja algumas que vão no cortejo por si proprias, e apenas por espirito bairrista, e não são das menos importantes.

Calcula-se que o imponente e bizarro Cortejo das Marchas, com cerca de dois quilómetros de extensão, leve duas horas a desfilar.

Está constituido o juri que será presidido, nas varias categorias, pelo sr. presidente da Camara Municipal, pelo sr. vereador presidente da Comissão Executiva das Festas e pelo eminente mestre pintor dr. Roque Gameiro.

As marchas disputam, além do Premio de Honra, mais 14 premios.

Para as marchas populares, entre artistas, operarios e elementos dos clubes organizadores, trabalham, presentemente, cerca de 400 pessoas.

às 5 horas chá

PATISSERIE VERSAILLES

AS FESTAS MILITARES

Um poema sinfonico executado por centenas de musicos

Durante a festa do Estadio, em que se realizam varias provas desportivas, terá a assistencia occasião de ouvir um poema sinfonico do maestro Manuel Ribeiro, que se intitula «Portugal». Esta obra, que será executada pela primeira vez naquela occasião e se inspirou num alto sentimento patriótico, termina pelos acordes do hino nacional e da Marcha de Guerra tocada por todas as bandas militares da guarnição, clarins e coros, num magnifico e imponente conjunto de centenas de figuras.

Escusado será dizer o efeito grandioso deste numero do programa não poderá repetir-se, pelas dificuldades que representa a sua preparação e encontro de elementos que nele colaboram.

Para esse facto chamamos a atenção do publico, pois será esta a unica oportunidade de apreciar um espectáculo de verdadeira beleza e interesse. Na sede da revista «Defesa Nacional» já principiou a marcação de lugares para este festival, bem como para o sarau do Coliseu dos Recreios.

Os preços são os seguintes: Para o Coliseu: —Frizes e camarotes de 1.ª, 50\$00; camarotes de 2.ª, 30\$00 e 40\$00; «fauteuils», 15\$00, 12\$00 10\$00 e 8\$00; geral reservada, 5\$00; geral, 3\$00.

Para o Estadio: —Camarotes de 5 entradas, 35\$00; camarotes de 3 entradas, 20\$00; «fauteuils», 7\$50 e 6\$50; bancada central, 6\$00; bancadas laterais, 4\$00; pedões, 2\$00.

A exposição de aeronautica

Saiu hoje na folha oficial um decreto que isenta de direitos de importação os livros, folhetos, catalogos, albuns, gravuras, cartazes e impressos com destino a serem distribuidos ou afixados exclusivamente no recinto da 1.ª Exposição Internacional Aeronautica e permite a importação temporária de fitas cinematograficas de propaganda aeronautica exclusivamente destinadas a projecções no mesmo recinto, em espectaculos gratuitos.

Dr. Mario Monteirol

Foi agraciado pelo ministerio francês da Educação Nacional com a cruz de oficial da Academia Francesa o nosso distinto colaborador sr. dr. Mario Monteirol.

O ilustre advogado foi tambem eleito socio efectivo da Sociedade da Independencia de Portugal.

O AUTOMOVEL CLUB DE PORTUGAL E

A ROYAL EXCHANGE ASSURANCE

Comunicam, respectivamente, aos seus Ex.^{mos} Socios e Segurados, que, conforme têm feito nos anos anteriores, estabelecem conjuntamente, durante a peregrinação a Fátima nos dias 12 e 13 de Maio, o seu serviço de assistencia em estrada, a fim de lhes prestar qualquer auxilio em caso de acidente ou avaria nos seus automoveis.

Estes serviços de assistencia em estrada serão prestados por 3 Prontos Socorros que terão o seguinte distintivo:

AUTOMOVEL CLUB DE PORTUGAL
ROYAL EXCHANGE ASSURANCE

podendo os seus serviços ser requisitados quando encontrados em marcha na estrada, ou, pelo telefone, para:

Fátima — Telefone Fátima,
Coimbra — Auto Industrial, Lda. — Telefone 58,
Caldas da Rainha — Hotel Lisbonense — Telefone 57,

locais onde os Prontos Socorros estacionarão desde as 10 horas do referido dia 12 até às 15 horas do dia 13.

«Tambem como nos anos anteriores, haverá em Fátima 3 parques de estacionamento gratuito para os automoveis dos socios do A. C. P. e dos segurados da Royal Exchange.»

Os medicos de Lisboa

realizam amanhã a sua festa

Com um fim altruista, porquanto é a favor da sua Caixa de Previdencia, realizam amanhã, á noite, os medicos de Lisboa a sua anunciada ceia á americana, nos sumptuosos salões do Club Maxim's, expressamente cedidos para este fim.

A data de 11 de maio ficará memoravel nos annals das grandes festas mundanas. Vai ser uma noite de verdadeiro encanto, pela assistencia, pelas «toilettes» que se vão apresentar, pela musica, que será incessante, e pela ceia que ha de merecer com muito rigor o qualificativo de primorosa.

Duas orquestras, uma portuguesa masculina, a «Orquestra Vitoria», e outra estrangeira feminina, a «Blue Jazz Ladies», encarregar-se-ão de fazer rodar continuamente os pares, quer vertiginosamente, como nas rumbas, quer suavemente, como nos tangos, dançados sob a acção dos lindos efeitos de luz proprios do Maxim's.

Todos os numeros de variedades que estão em exhibição no clube se apresentam na noite de amanhã. O salão de «dancing» vai ser objecto de merecida admiracão pela vistossima decoracão que apresenta e será perfumado, bem como serão oferecidos perfumes a todas as senhoras. O interesse por esta festa atingiu o delirio e por isso nos permitimos felicitar aqueles que terão a ventura de a ela assistir.

Um automovel contra uma montra

Esta manhã, cerca das 8 e 30, quando seguia pela rua do Ouro, o automovel de praça S. 27809 derrapou, devido ao «chauffeur» não ter podido fazer uma paragem rapida.

O carro galgou o passeio, indo chocar violentamente contra a grande montra da sapataria Atlas, partindo o respectivo vidro e o marmore sobre que ele assentava.

O automovel bateu ainda com a trazeira num candeeiro de iluminação publica, partindo-o.

Nesse momento passava naquela rua a sr.^a Maria Jesus da Silva, de 36 anos, moradora na rua Ferreira da Silva, 8, que foi atirada ao chão pelo automovel. Conduzida immediatamente ao hospital de S. José, verificou-se que felizmente nada lhe sucedera além do susto.

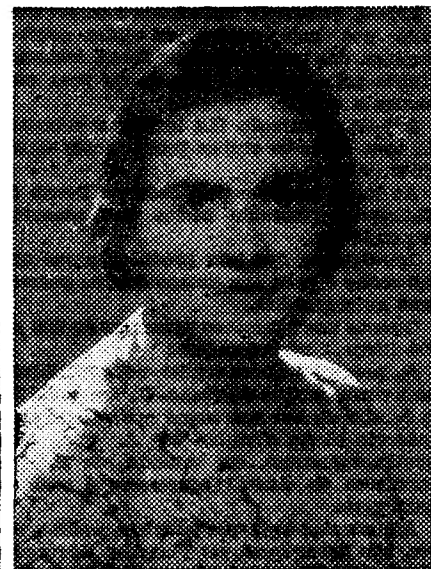
O «chauffeur», Antonio Primor, residente na rua da Vinha, 7 r./c., foi preso.

Os estilhaços do vidro inutilizaram alguns pares de sapatos que se encontravam expostos na montra.

Obra de devoção patriótica

O cancionero manuscrito ilustrado pela artista

D. Isolda Lino de Castro Norton



D. Isolda Lino de Castro Norton

A sr.^a D. Isolda Lino de Castro Norton, esposa do sr. dr. Luiz Norton, consul de Portugal, no Rio de Janeiro, e filha do notavel architecto Raul Lino, que se encontra agora no Brasil, acaba de fazer uma obra de devoção espiritual, que as suas mãos admiraveis de sensibilidade artistica devidamente animaram em maravilhas de composição. Trata-se da edição duma colectanea de poetas portugueses, dos seculos XIII, XIV e XV, as melhores que os nossos reis e troveiros cantaram nas suas cartas de amor.

O livro intitula-se: *Algumas canções medievais escolhidas de entre os varios cancioneros*. D. Isolda Lino, com uma paciencia beneditina, e guiada pelo lirismo cristallino da sua alma, fez uma selecção que constitui uma verdadeira antologia. Do pó dos velhos arquivos arrancou as mais lindas joias poeticas da epoca, transpondo-as depois para o seu livro, manuscritas por ela, exactamente como se fossem as paginas dos cancioneros, copiando a letra primitiva e ilustrando-as de belos desenhos, vinhetas, miniaturas, silvas, chelos de caracter, numa radiação suprema de beleza que difficilmente encontra termo comparativo.

D. Isolda Lino de Castro Norton não fez apenas, e isso já seria muito, uma interpretação artistica, dos nossos cancioneros; estudou-os com clara intelligencia, num bosquejo critico, bem orientado e deduzido, que acompanha a magnifica edição, servindo-lhe de prefacio. Ha que louvar esta senhora, de tão alta cultura e sensibilidade, que longe de Portugal fez maravilhosa obra de resurreição, prestando um alto e inestimavel serviço ás letras portuguezas.

Os jornais brasileiros, referindo-se calorosamente, a este trabalho de D. Isolda Lino, saudam nela a continuadora natural de Carolina Michaelis de Vasconcelos.

O correio aereo para Cabo Verde

inaugura-se amanhã

Inaugura-se amanhã o correio aereo para Cabo Verde, assegurado pela Aero-Portuguesa em serviço combinado com a Air France. A mala postal chegará áquella arquipelago todas as segundas-feiras, o que beneficiará imensamente a população e o commercio locais, até agora tão morosamente servidos pelas malas dos vapores. Esta manhã, os empregados da Central dos Correios, em virtude de não terem ainda conhecimento da nova linha, tiveram duvidas em aceitar a correspondencia. A administração, porém, logo que teve conhecimento do que se passava, deu as necessarias instruções para que todo o correio fosse recebido. Estão, pois, asseguradas as communicacões aereas semanais com Cabo Verde, serviço cujas vantagens é escusado encarecer.

Pinto
seus
belos

K
O
N
I

e se
sem

REPRESENTA

M. Ca

Avenida I
Reis, 166

Telef. 4

DEPOSITARI

Farr
Olive

Rua da h

V.^a DE PEDRO GRILLO

Porcelanas, Cristais, Novidades, Esmalte,
Talheres, o mais completo sortido

R. da Palma, 262, 262-A

A Cidade

Serviços de jantar
e chá

desde 125\$00 e 38\$00

Louçaria Vista Alegre
232, R. da Palma, 234

Dr. Luiz Simões Raposo

A Junta de Educação Nacional
foi em romagem ao seu túmulo

Faz hoje um ano que morreu o sr. dr. Luiz Robertes Simões Raposo, jovem e distinto professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, e secretário geral da Junta de Educação Nacional—que é em grande parte obra sua e através da qual prestou grandes serviços ao país e à mocidade estudiosa.

Morto prematuramente, em plena ascensão da sua carreira brilhantíssima, o saudoso professor e investigador científico que com 36 anos tinha já realizado 55 trabalhos de grande valor, não foi esquecido neste aniversário fúnebre.

A Junta de Educação Nacional promoveu uma romagem ao jazigo onde o seu corpo repousa, no Alto de São João.

Às 12 e 30, concentraram-se à porta do cemitério os srs. drs. Celestino da Costa e Leite Pinto, presidente e secretário da Junta de Educação Nacional, professores Sá e Oliveira, Ruy Mayer e Herculanio Carvalho, membros da comissão executiva, doutoras Tullia Saldanha, Madalena Guerra e Irene Nunes, senhora de Bueno y Martins, professor Henrique Parreira, drs. Bénard Guedes, Oliveira Campos, Paiva Raposo, Bueno y Martins, Nunes de Almeida, Ricardo Horta, Portela Gomes, Xavier Morato, Luiz Bandeira, Ferrugento Gonçalves, Machado e Costa, Manuel Prates e Oliveira Machado, pintor Martinho da Fonseca, Morgado e Barros e Silva, funcionários da Faculdade de Medicina, outros empregados da mesma Faculdade e do Instituto Português de Oncologia—onde o saudoso extinto realizou a parte principal da sua obra—e muitos bolsiros de estudo da Junta.

Pouco depois, dirigiram-se todos ao jazigo da família Robertes, à porta do qual o presidente da Junta, dr. Celestino da Costa, depôs um grande ramo de rosas brancas.

A senhora de Bueno y Martins colocou também um ramo de flores.

Todos os presentes se conservaram em silêncio, durante alguns minutos, ante o jazigo, após o que destilaram ante o irmão do dr. Luiz Simões Raposo, professor José Antonio Simões Raposo Junior.

Também como homenagem ao primeiro secretário geral da Junta de Educação Nacional, um grupo de amigos do dr. Luiz Simões Raposo decidiu instituir um prémio anual para o aluno mais distinto de Anatomia Patológica e Patologia Geral—cadeira que ele regeu brilhantemente na Faculdade de Medicina de Lisboa.

SEMANA DA TUBERCULOSE

Nos salões do Gremio Lirico Português, realiza-se amanhã, à tarde, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte as senhoras condessa da Foz, condessa de S. Mamede, D. Fernanda Carroça, Lopo de Carvalho, Gabriela Anjos de Vilhena, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Maria Antonia Zanoletti Ramada Curto, D. Maria Lane Borges de Sousa, D. Maria Luiza Monteiro de Mendonça, D. Maria da Nazaré de Almeida de Carvalho Daun e Lorena, D. Maria Tereza Valdez Pinto Cunha e viscondessa de Mercena, uma tarde de arte, de caridade, cujo produto se destina à Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Tomam parte nela, além de outros distintos amadores e artistas, a cantora sr.^a D. Eduarda Sarmento, a pianista sr.^a D. Albertina Freire, o violinista sr. Herberto de Aguiar, o actor brasileiro Procopio Ferreira e os bailarinos Ruth Valden e Francis.

Os bilhetes para esta linda festa de caridade requisitam-se na rua 4 de Infantaria, telefone 4 7694.

Uma adorável colecção de rosas

Amanhã e domingo os admiradores e apreciadores de rosas têm no "hall" do Casino-Estorial uma linda e grande colecção de exemplares obtidos na Quinta da Marinha, de Cascais, onde a linda flor é cultivada e apurada com esmero e gosto inextinguíveis.

O MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE

A expressão architectonica do projecto que triunfou no concurso

Ouvindo os architectos Rebello de Andrade e o escultor Ruy Gameiro

Fecha amanhã a exposição dos projectos do monumento ao Infante D. Henrique que, por nobre e patriótica inspiração do nosso Director se vai erguer no promontório sacro, constituindo o mais grandioso altar da patria. Um nome, porém, domina essa futura obra de extraordinário relevo e simbolismo: o do dr. Oliveira Salazar que, entusiasmado, chamou a si a iniciativa, dando-lhe vulto, isto é, garantindo com os necessários recursos materiais a sua pronta execução. O monumento aprovado pela douta comissão, presidida pelo sr. dr. Julio Dantas, corresponde em absoluto à visão dos factos historicos, que tem por personagem central o «inclito infante». Os architectos Rebello de Andrade—Carlos e Guilherme—dois dos mais representativos da geração nova, —associados ao brilhante estatuário Ruy Gameiro, cinzelador expressivo de inspiração moderna, como flor de estilo, mas de raiz classica, mergulhando fundo na tradição artistica nacional—

deram-nos a melhor obra do concurso, reunindo numa unanimidade calorosa os aplausos do júri e os do publico. O concurso foi o mais importante que se tem realizado, em Portugal, não só em relação às dimensões do monumento, mas também ao dinheiro que nele vai ser invertido. Como todas as «maquetes», a apresentada pelos irmãos Rebello de Andrade e Ruy Gameiro é um esboço, fixando uma idea. Qual o motivo que a inspirou? Porque viram os artistas «assim»? Como vão trabalhar? Estas três perguntas, entre muitas que ha a fazer e que não esgotam o assunto, justificam plenamente a entrevista que realizámos com os artistas. Fala, em primeiro lugar, um dos Rebello de Andrade, o Carlos, por exemplo, que é o mais velho, especie de «leader» do grupo. E' interessante



Rui Gameiro

fixar as suas declarações, que, claramente, desvendam o pensamento comum dos três artistas, numa modelação antecipa da do grandioso monumento: —O concurso teve uma excepção: a importância. Foi o maior que se tem realizado em Portugal. A ele podia concorrer sem distincção de especialidade todos os artistas com a colaboração, porém, dum architecto e dum escultor.

—A solução do monumento?

—E' simples: uma «Cruz». Quando um monumento atinge as proporções formidáveis que, na sua execução atingirá este projecto, ele não deve ser apenas um conjunto de pormenores, feitos à medida do homem e à sua escala. Foi o que procurámos fazer. A nossa visão do monumento foi a dum elemento magico, uno, compacto, cuja leitura sintetica e fulminante se faça de qualquer ponto...

—Da terra e do mar!

—Exacto, mas sobretudo do mar. O



Carlos e Guilherme Rebello de Andrade

grande pilone cujas geratrizes a cruz limita tem um movimento que se projecta sobre o horizonte infinito do oceano...

—Para significar? Guilherme intervém e acompanha agora o dialogo:

—O «sentido da partida». A nossa cruz volta-se para Deus, numa votiva ascensão. Na planta do monumento fixou-se a rosa dos ventos, simbolo da consciencia tecnica e de base científica da grande empresa lusiada dos mares.

—A expressão architectural do monumento?

—E' geometrica, como a das piramides do Egipto que, apesar de todas as escolas, que têm revolucionado o mundo, se mantém na sua eternidade de beleza. Não tem «moda». Será de todas as épocas.

—E depois, referindo-se à escala da obra:

—O ambiente em que o monumento se projectará, por qualquer lado que o observemos, será sempre o espaço e a imensidade da atmosfera. Não ha nessa projecção, nem nesse ambiente a referencia a elementos humanizados. A costa, nessa zona, incluindo o proprio promontório, é constituída por formidáveis arribas a pique sobre a agua, existindo uma faixa de planície com uma largura de dezenas de quilómetros que contorna a linha do mar. E' esse o ponto da costa de Portugal onde as tempestades mais se fazem sentir, onde os vendavais maiores velocidades adquirem. A concepção de um monumento comemorativo das viagens maritimas e das descobertas, ha, pois, que corresponder uma forma plastica moldada em proporções brutais, justas para a rudeza e violencia do feito, que se não coaduna com pormenores descritivos ou insignificantes.

Carlos Rebello de Andrade diz, por seu turno, com mal disfarçada ironia:

—A solução por nós apresentada ao concurso foi a mais arrojada e cremos que não ha muitas soluções que se lhe assemelhem em ousadia. As soluções arrojadas são porém os maiores impulsores do progresso. Se o homem nunca se abalancasse para além do que viu fazer, nada teria feito de novo. O velho do Restelo não é ape-

nas um simbolo, traduz uma corrente de opinião de todas as épocas, que, se tivesse preponderado no tempo do Infante, teria por certo roubado aos portugueses a gloria das descobertas. —O monumento vê-se-á bem do mar?

—Mas admiravelmente, a mais de mil e oitocentos metros, linha média da navegação dos vapores de passageiros que passam à vista do promontório. O monumento é orientado segundo o eixo longitudinal do promontório e rigorosamente voltado ao sul, rumo dos primeiros descobridores.

—Porque não destacaram a figura do Infante numa estatua?

Rui Gameiro, o estatuário, responde:

—Cingi-me estritamente ao preambulo das bases do concurso. Nele se estipula que, «embora capitulado pelo nome e pela individualidade do Infante o monumento deve atingir e expressar um conceito historico mais vasto—o «primeiro ciclo das navegações e descobrimentos dos portugueses». E mais ainda: «Nestes termos o monumento a erigir para corresponder a tão alto pensamento—a abertura do mar à civilização—não pode restringir-se a uma figura, ou a um grupo escultórico, que a esmagadora grandeza do local amesquinhas, devendo antes jogar com grandes massas.

—Sendo assim viu justo.

—Suponho que sim. A representação plastica do Infante de Sagres lá está, enquadrada em três altos relevos monumentais e de proporções dominadores. Um representa a Conceição do Empreendimento, em que figura o Infante e os seus grandes colaboradores. Outro interpreta a Preparação, nos estaleiros do Tejo.

—E o terceiro?

—Fixa o cenário da Realização, no momento em que os portugueses se lam com padrões nacionais a costa africana. Neles procurei, pelo ritmo dos agrupamentos, a sugestão magnifica as nossas tábuas primitivas.

Carlos Rebello de Andrade fala-nos agora do interior do monumento, que terá também uma expressão simbolica, de alto significado historico:

—A nave central que fica sob o cone de sustentação do pilone, será revestida de painéis de mosaico e descrevendo o mundo medieval, antes do Infante—o portulano de Ptolomeu. Outra sala apresentará o Mundo Novo revelado pelos portugueses. Nesses mosaicos gigantescos feitos de pedacinhos de pedra dos quatro cantos de Portugal e das sete partidas do mundo, onde exista terra portuguesa, trabalharão as mãos das crianças.

—Admirável idea.

—Todas as escolas primarias do Imperio Colonial e da metropole enviarão os reticulos de pedra para o grande mapa da Patria.

«A idea da Patria ligará, assim, na obra comum, milhões de almas. A reconstituição em vulto dum caravela justificará a romagem popular e até erudita, ao interior do monumento.

—Falta ainda dizer-nos quais os materiais empregados na construção do monumento?

—Optámos pelo cimento armado, depois de considerarmos a verbá atribuída «a expressão contemporânea da obra», referida no programa do concurso, bem como a elasticidade, a durabilidade, a resistencia, a intemperie e acção corrosiva das proximidades do mar. Só o cimento, na realidade, permite a execução dum projecto, cuja concepção, feita na época em que vivemos, não pode abstrair as possibilidades extraordinarias dos novos materiais da construção e da realização monumental.

No TIVOLI: a obra prima de Leitão de Barros

As Pupilas do Sr. Reitor

Crysler

PLYMOUTH

O melhor automovel 1935

Acaba de chegar
nova remessa

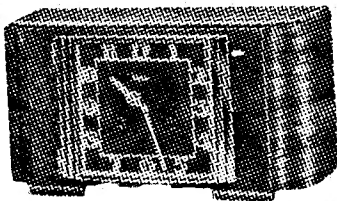
Em Exposição:

GUERIN, L.^{DA}Praça dos Restauradores, 74
LISBOA

POLICLINICA DO INTENDENTE

Avenida Almirante Reis, 27, 2º. - LISBOA - Telefone 4 5587

DR. ABEL ALVES - Ouvidos, nariz e garganta.	A's 11 h.
DR. ADELINO COSTA - Cirurgia geral. Operações.	A's 17 h.
DR. ALMEIDA DIAS - Doenças nervosas. Electroterapia.	A's 14 h.
DR. ANASTACIO GONÇALVES - Doenças dos olhos.	A's 17 h.
DR. ARMANDO LUIZ - Rins e vias urinarias.	A's 13 h.
DR. ARTUR PACHECO - Doenças de pele e sífilis.	A's 13 h.
DR. BERNARD GUEDES - Raios X.	A's 17 h.
DR. CARLOS FRADIQUE - Doenças das crianças.	A's 16 h.
DR. FERNANDO FONSECA - Medicina Geral.	A's 17 h.
DR. FORMIGAL LUIZ - Mecanoterapia, massagem, raios ultra-violetas, ginástica médica, diatermia, etc.	A's 15 h.
DR. MARCELINO MARTINS - Doenças da boca e dos dentes.	A's 13 h.
DR. MARIO ROSA - Clínica geral, estomago e intestinos.	A's 10 h.
DR. D. PEDRO DA CUNHA - Partos. Doenças das Senhoras.	A's 15 h.
DR. FERNANDA DA SILVA - Análises clínicas - Vacinas.	A's 14 h.
DR. VASCO DE LACERDA - Clínica medica, coração, pulmões.	A's 16 h.

Elegancia de linhas - Modicidade de
preço - Garantia absoluta

são as características dos relógios do

TORROAES

Relojoaria de confiança

119, R. da Prata, 123 Telef. 2 4210

MOBILIAS DE ESCRITORIO, GENERO AMERICANO
E EM TODOS OS ESTILOS. Artes DecorativasPAPEIS PINTADOS DESENHOS MODERNOS
SEMPRE GRANDE STOCKCretones // Damascos // Veludos
Oleados // Carpetes // PergamoidesELEGANCIA - ARTE - BOM GOSTO
MAPLES FABRICO ESMERADO
NAS NOSSAS OFICINAS

BAGAÇOS

OLEAGINOSOS

TOURTEAUX

ALIMENTARES PARA GADO

A melhor ração e a mais economica



MARCA REGISTRADA

Pedidos á Sociedade Nacional de Sabões, Limitada

MARVILA - LISBOA

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115O «Diário de Lisboa» vende-se no
Estoril - Caminho de ferro.

NOTICIAS DA MURTOSA

MURTOSA, 5.—As corporações de bombeiros voluntarios são dignas de todo o carinho, auxilio e protecção dos habitantes duma terra. A sua utilidade é de tal forma grande, que escusado se torna encarecê-la.

A Murtosa não a possui e tem sido a sua criação objecto, por varias vezes, do entretenimento espiritual dos seus habitantes. O pavoroso incendio do dia 29 do ultimo mês que reduziu a escombros o edificio da União Commercial veio pôr em evidencia de forma assustadora a necessidade da criação dum corpo de bombeiros, pois se não fosse o generoso auxilio dos bombeiros de Estarreja, Ovar e Aveiro, ter-se-ia dado uma catastrophe tremenda.

Assim, um grupo de rapazes briosos e entusiastas, constituído pelos srs. Angelo Costa, Antonio Augusto Pereira, Manuel Caetano Vaz, Manuel Joaquim da Silva, Delfim Barbosa, Luiz Gonzaga de Sousa, Antonio Tondela, Manuel de Oliveira Pinto, percorreu hoje algumas casas desta villa, para aquisição de um carro auto-bomba, a fim de ser criado o corpo de bombeiros da Murtosa.

É digno de louvor o gesto nobre e altruista destes rapazes; e oxalá o publico murtosense lhes dispense todo o auxilio de que são dignos. Edificio têm-no eles inteiramente á sua disposição no majestoso edificio da sede da Junta de Freguesia da Murtosa.

—Por iniciativa do sr. capitão Joaquim Gonçalves dos Reis, administrador do nosso concelho, iniciou-se hoje nesta villa a Semana da Tuberculose. Houve duas sessões de cinema com os filmes «200 quilómetros á hora», «Divorcio premeditado» e «Cine Magazine», com palestra previa pelo sr. dr. Aderito Mendes Madeira, director do Dispensario Anti-tuberculoso de Aveiro. No Centro Recreativo do Monte, realizou-se um baile, das 17 ás 21 horas. Comissões de senhoras percorreram as ruas da villa vendendo o emblema da A. N. T. No proximo dia 12 será encerrada a Semana com programa identico.

—Retomou as suas funções o chefe da estação telegrafo-postal desta villa sr. Manuel Ribeiro.

Intercambio escolar

Na sala Algarve da Sociedade de Geografia continua aberta para todos os estudantes a exposição de trabalhos de intercambio escolar, da iniciativa do inspector sr. Mira Saraiva, que á Emissora Nacional confluí a organização do referido concurso.

O sr. ministro das Colonias visitou ontem a exposição e teve palavras de apreço para a obra do sr. Mira Saraiva.

GREMIOS REGIONALISTAS

A comissão de assistencia e beneficencia da «Casa do Algarve», da qual fazem parte madame Teofilo da Trindade, D. Judith de Aboim Villa-Lobos, D. Laura Correia Contreiras, D. Alice Esteves Guerreiro Murta, D. Berta da Silveira Barbosa, D. Carlota Corrêa dos Santos, D. Herminia de Carvalho Peres, D. Maria Amelia Rodrigues de Carvalho, D. Maria do Carmo Corrêa Ribeiro, D. Maria das Dores Corrêa Vila Pacheco D. Suzana Pacheco Marques, doutora D. Maria João Lopes do Paço, (delegada da direcção) realiza no proximo domingo um «chá dançante» que promete ser concorridissimo pela «élite» da colonia algarvia. A frequencia nesse dia será regulada pela obrigatoriedade do convite para o chá.

—No Gremio Alentejano, realiza-se no proximo dia 11, ás 22 horas, a festa do aniversario da instalação do Gremio, no Palácio de S. Luiz.

Além do discurso do illustre engenheiro sr. José Custodio Nunes, haverá duas conferencias realizadas pelos srs. dr. Garcia Pulido e Joaquim Lanza, de caracter literario e durante as quais recitará poesias a consagrada actriz alentejana sr.ª D. Amelia Trajano.

Assistem os srs. ministros da Instrução e da Guerra.

Caminhos de Ferro Portugueses

Comboio especial do Porto a Lisboa e volta

No proximo domingo, por ocasião do desafio entre o Foot-Ball Club do Porto e o Sporting Club de Portugal, a C. P. organiza um comboio especial do Porto a Lisboa e volta, custando cada bilhete de 2.ª classe 75\$00 e de 3.ª classe 50\$00. O referido comboio parte do Porto ás 9 e 30, chegando ao Rossio ás 6 e 45; e o seu regresso faz-se ás 0 e 3, sendo a chegada ao Porto ás 5 e 35 do dia 13. A marcação de lugares custa 2\$50.

O DIÁRIO DE LISBOA e SEMPRE FIXE vendem-se no Porto na casa Manuel da Silva P... Praça da Liberdade.

CURA DA PRIMAVERA

As plantas, nossas irmãs, conhecem o segredo da nossa saúde. Bebei chá

VITA-SANA

Nas mercearias peçam: ARIZOMA



Farinha de fava

Macia. Fina. Saborosa.
Bem torrada. Bem moida.
Recente. A peso. cl K 4\$00.

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á Igreja S Domingos)COMO UMA ROMA
ficará a sua boca
rubra, corada, fos
cirante, se usar a
pasta dentifrica
KystikACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
A DA LIBERDADE 35 TELE 21866 E NAS BOAS CASASCARIAZ
TEATROSNacional—A's 21 e 30—«Como se faz um homem».
Trindade—A's 20 e 50 e 22 e 50—«Bóla de Neve».
Gimnasio—A's 21 e 45—«Deus lhe pague».
Politeama—A's 20 e 50 e 22 e 50—«Viva o amor».
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«O Milho Rei».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 24.
Oitavo Terrace—A's 21 e 15.
Capitolio—A's 21.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Palacio—A's 21 e 30.
Paris Cinema—R. Domingos Sequeira.
Jardim Cinema—Av. Alvares Cabral.
Promotora—A's 21.
Belem-Jardim—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Sport Lisboa e Benfica—Secção cinematografica—Av. Gomes P. eira—Benfica.

Confraternização esperantista

No proximo dia 12, ás 15 horas, realiza-se na sede da Sociedade Esperantista Operaria «Antauen», rua da Costa, 124, 1º uma festa de confraternização esperantista, que constará de recitações, canções regionais e declamações.

VIDRARIA ALIANÇA

R. DA PALMA, 260

Completo sortido de louças, vidros, esmaltes e artigos de menage

ESTRANGEIRO**Escrita á Maquina**

Habilitação perfeita. Prática em diferentes tipos de maquina. Sala separada para senhoras. Lições de dia. Lições de noite (das 9 as 11 1/2 da noite).

Escola Commercial Portuguesa

por correspondencia

R. do Arsenal, 54-3.º — Lisboa

OS PROPRIETARIOS COLOMBIANOS

formaram um novo partido

BOGOTA, maio.—Um grupo de homens de negocios industriais e agricultores pertencentes aos partidos conservador e liberal formaram um novo agrupamento politico chamado *Ação Patriótica Económica Nacional* ou *Apen*.

O novo partido resolveu intervir nas eleições de maio para deputados e para isso dirigiu um manifesto ao país, no qual preconizou a necessidade de vincular os interesses do país aos corpos legislativos com o fim de proteger, segundo diz o novo partido, a agricultura e a industria e cercar de garantias a propriedade individual e o capital. Enquanto em outras nações da America do Sul, diz o referido manifesto, de potencialidade inferior e de menores riquezas, se dominaram os efeitos da crise, na Colombia a situação apresenta a paralização dos negocios que se seguiu á progressiva desvalorização da moeda. Para corrigir estes defeitos e opor um dique ás recentes campanhas contra o capital, a *Apen* iniciou um movimento nacionalista contra os «políticos profissionais» e propôs um programa de reformas fiscaes e economicas que se reduzem aos seguintes postulados:

Primeiro: impedir que triunfem na Colombia as doutrinas de abolição da propriedade privada e do desaparecimento do capital, industria e agricultura como direitos individuais, para se converterem em actividades organizadas unicamente, pelo Estado.

Segundo: eliminar da vida publica os tecnicos eleitorais e os politicos, a-fim-de que os homens de Estado, o governo e os directores politicos não sejam dominados por pessoas que não têm outra preparação senão «a de fazer eleições em proveito proprio».

Terceiro: levar aos Corpos Legislativos individuos que representem os interesses economicos da nação e não aqueles que converteram o parlamento num estéril campo de oratória.

Quarto: prescindir da politica partidaria como unica razão das actividades nacionais e pô-la ao serviço do Estado e dos problemas economicos e sociais.

Quinto: rever o sistema tributario com criterio científico e não de revolução e ódio de classes e procurar que o Estado conte com recursos necessarios para a solução simultanea das necessidades de toda a ordem e não para aumentar a burocracia.

Sexto: propugnar pela aproximação entre o capital e o trabalho mediante leis sociais que estejam de acordo com a capacidade e o desenvolvimento do primeiro e as necessidades do trabalhador sem menoscabimento e ruína da industria, agricultura e propriedade em beneficio exclusivo dos politicos.—(United Press).

O combate ao desemprego no Reich

A organização dum comboio de socorro

BERLIM, 10.—No programa de trabalhos destinados a combater o desemprego, conta-se a construção em Munique dum edificio gigantesco, que será o deposito central do material do partido nacional-socialista e servirá de garagem do novo comboio de socorro «Deutschland». Este comboio destinase a transportar para qualquer ponto do Reich, em caso de sinistro ou catastrophe natural, o pessoal e material necessario e comportará trinta carruagens, que compreende as instalações tecnicas julgadas indispensaveis neste caso, tais como: hospital, cozinhas, padaria, açougue, serviço de bombeiros, carruagem especial para filmagem, estação de T. S. F., oficinas de reparação, etc.—(Havas).

Projecta-se nos Estados Unidos

uma reforma bancaria

WASHINGTON, 10.—A Camara dos Representantes aprovou o projecto de reforma bancaria que submete inteiramente ao governo o sistema de Reservas Federais e dá á Repartição da Reserva Federal a faculdade de regular o credito e a circulação monetaria, com atribuições tão latas como as dos bancos de França e Inglaterra, a fim de lutar contra as flutuações do nivel geral do comercio, produção e preços.—(Havas).

Um marechal alemão

que visita a Hungria

BUDAPESTE, 10.—E' aqui esperado no dia 22 o marechal Mackensie, que sairá da Alemanha em 20, com doze deputados e numerosos jornalistas. A viagem será feita pelo Danubio, no navio húngaro «Zsófia», que serviu de quartel general a Mackensie, durante a Grande Guerra. Serão realizadas grandes festas em honra do visitante.—(Americana).

A velocidade do «Normandie»

PARIS, 10.—O «Matin» informa que o «Normandie», durante as experiencias de navegação, alcançou uma velocidade horaria de 31 e 7 nós, ou seja 58 quilometros e 708 metros, o que corresponde a uma velocidade de cruzeiro de 28 nós. O «Normandie» poderá assim fazer a viagem Havre-Nova York em 5 dias e bater, consequentemente, o «record» de travessia maritima do Atlantico.—(Havas).

O dinheiro será sempre dinheiro

«Juvenia» será sempre «Juvenia», será sempre o maravilhoso tónico regressivo, que traz consigo a juventude remocente dos cabelos, dando-lhes o frescor juvenil da bella idade!

«Juvenia» encontra a cor perdida dos cabelos, a cor que a idade exilou e que «Juvenia» facilmente reconduz em plenitude, á punjanca natural.

Isto são factos que milhares de pessoas podem, por experiencia, comprovar.

Treviranus, o celebre naturalista alemão que criou, ha cem anos, a palavra «biologia», como expressão de «doutrina da vida», não desprezaria de classificar «Juvenia» como a «vida da cor capilar», porque na realidade «Juvenia» é um regressivo absoluto, acreditado, comprovado.

«Juvenia» é muito discreta e, como a transformação dos cabelos brancos ou grisalhos para a sua antiga cor é lenta, ninguém repára.

Mas...é preciso que seja: «Juvenia».

FEIRA DE PARIS

18 de Maio a 3 de Junho

Fornece-se gratuitamente aos Comerciantes, Industriais, e Comissários a carta de legitimação para a redução de 50 % nos C. F. franceses e 25 % nos de Portugal e Espanha. As inscrições para a excursão á Feira de Paris fecham-se no dia 18 do corrente, sendo a partida no dia 25.

Pedidos á Delegação da Feira

Marinha norte-americanavão ser construídas
24 unidades novas

WASHINGTON, 10.—O Comité Financeiro do Senado aprovou o orçamento naval que ascende a 459.606.804 dolares, no qual está incluída a construção de 24 novos barcos de guerra que são quatro cruzadores, um porta-aviões, quinze «destroyers» e seis submarinos.—(United Press).

Manobras de navios e aviões

HONOLULU, 10.—A esquadra aerea da marinha de guerra dos Estados Unidos, que ontem partiu para Midway a fim de tomar parte nas manobras navais simulando um ataque á esquadra norte-americana, é composta de 48 aparelhos. Três aviões foram forçados a retroceder em virtude de avarias nos motores.—(United Press).

A situação comercial

dos Estados Unidos

NOVA YORK, 10.—A proposito do que se tem dito, relativamente ao facto da America do Norte ter perdido a sua situação nos mercados sul-americanos, Claudius Murchison, director da Repartição do Comercio Nacional e Estrangeiro, declarou que a posição dos Estados Unidos, em relação á Europa, é ainda muito firme, devido á proximidade e rapidez de comunicações, bem como a tendência do Velho Mundo para se bastar a si proprio sob o ponto de vista agrícola. A carencia mais grave é do Japão.—(Americana).

O testamento de Poincaré

PARIS, 10.—«Le Journal» publica o testamento de Raymond Poincaré. Neste documento o antigo presidente da Republica lega ao Departamento de Mesa todos os seus bens, moveis e imoveis, com a condição deste criar um orfanato de rapazes na sua propriedade de Sampigny. Estabelece que estas disposições só devem ser cumpridas depois do falecimento de sua esposa, a quem legou o usufruto da sua fortuna.—(Havas).

O desemprego na França

diminuiu consideravelmente

PARIS, 10.—Segundo as estatísticas officiais o numero de inscritos no desemprego, no dia 4 de maio, elevava-se a 445.507, isto é, menos 6.800, aproximadamente, que na semana anterior. Na mesma semana do ano findo, a diminuição respectiva fora apenas de 1.300.—(United Press).

Abalos cismicos nas Antilhas

ANTIGUA (Antilhas), 10.—Continuam a sentir-se em Montserrat violentos abalos sismicos e uma grande actividade vulcanica.—(Havas).

Restaurante Bacalhau

(A's portas de Benfica)

Participa aos Ex.ªs Clientes que este restaurante acaba de reabrir com nova gerencia.

Optimos serviços de Almoços, Jantares e Celas. Pede-se a V. Ex.ª uma visita para experiencia.

Aberto toda a noite

Dr. Sertorio Senna

Doenças dos olhos

Retomou a clinica, R. Garrett, 80, r/c.

Prosseguem as negociaçõespara resolver pacificamente
o conflito do Chaco

BUENOS AIRES, 10.—O ministro dos Estrangeiros confirmou que desejava vivamente a colaboração do Brasil nos esforços para a pacificação do Chaco. Lamas acrescentou que as versões que atribuem as responsabilidades do erro que levou á abstenção do Brasil ás chancelarias argentina e chilena são injustas. Acrescentou ser falso que qualquer chancelaria interessada tivesse reclamado contra a reunião em Buenos Aires dos diplomatas que intervêm na pacificação do Chaco. «Seria isso — disse ainda — de resto pueril, porquanto o fim essencial é conseguir a paz já demasiado retardada». Reconheceu que todos tinham visto os seus esforços gorados até agora, mas que a paz se avizinha visto os beligerantes se sentirem extenuados. Terminou fazendo votos por que seja selada a paz sob os auspícios da proxima visita do presidente Vargas a Buenos Aires.—(Havas).

BUENOS AIRES, 10.—Os representantes dos países que pretendem acabar com a guerra do Chaco solicitaram a colaboração do Uruguay. Dizem de Montevideo que o governo uruguaio está disposto a aceitar o convite.—(Havas).

O novo «Codigo da estrada» britânico

LONDRES, 10.—Fez-se agora uma tiragem de 15 milhões de exemplares do novo «Codigo da Estrada» para ser distribuido por todos os automobilistas e peões. Depois de esgotada esta primeira edição, vão fazer-se novas tiragens.—(Havas).

Está actuando no Olimpia Club a formosa ballarina oriental Mesoli Levys

A simpatica ballarina heb aica Mesoli Levys, contratada pela empresa do Olimpia Club, onde todas as noites tem sido alvo dos maiores aplausos.

Dr. Jorge Santos

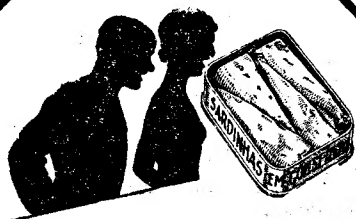
DA FACULDADE DE MEDICINA DE PARIS

Hemorroidas, Fistulas, Varizes, Flebites, Ulceras das pernas, Doenças das senhoras. Tratamentos modernos sem operação, sem dor nem descanso. Das 3 as 5, R. Nova da Trindade, 9-2.º-Di.º. Tel. 28445. Cl. pobres as 9 horas.

Sorles grandes ?

na casa COSTA, LDA. as vende

60 - Rua da Prata - 62



Abra a boca... e pasme!

Os estrangeiros comem diariamente as apetitosas Sardinhas de Conserva portuguesas, porque as Sardinhas de Conserva portuguesas são gostoso alimento.

Portugal quasi as desconhece!

Abra a boca... e coma Sardinhas de Conserva.

**Companhia das Fabricas
Ceramica Lusitania**
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
**RODOS OS GENEIOS E PARA
TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIS!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON — PALACIO
A celebre peça de CHARLES
MÉRÉ
O PRINCEPE JOÃO
Manequins de Nova York

Dois delinquentes americanos na cadeira electrica

HUNTSVILLE, (Texas), 10.—A's 24 horas de ontem foram electrocutados os bandidos norte-americanos Raimundo Hamilton e Joe Palmer. O advogado de Hamilton empregou todos os esforços para o salvar da cadeira electrica; mas, tudo foi inutil em virtude do governador de Texas se recusar á commutação da pena. Hamilton, considerado o «inimigo-publico n.º 1», horas antes de ser executado converteu-se ao catolicismo, pedindo a comparsa dum sacerdote que o confortasse com palavras de coragem e dizendo:

—Bem sei que fui um grande criminoso; mas, rogo-lhe encarecidamente que me conceda a suprema ventura de receber a sagrada eucaristia.

Momentos antes de ser electrocutado voltou a chorar e pediu humildemente lhe perdoassem os seus crimes, que attribuiu a Satanaz.—(United Press)

A attitudo da Etiópia perante o conflito com a Italia

LONDRES, 10.—O imperador da Etiópia, Hanle Selassie I, concedeu uma entrevista ao correspondente do «Daily Telegraph», acerca do conflito italo-abissínio, em que declarou que ordenará a mobilização geral se a Italia persistir nos seus preparativos de guerra. Mostrou-se convencido de que o Conselho da Sociedade das Nações, que se reúne no dia 20, vai adoptar medidas tendentes a solucionar o conflito.

Acrescentou ainda: «Se a Sociedade das Nações não estudar e solucionar a questão e se a Italia continuar a mobilizar, nós mobilizaremos também. A Abissínia não está disposta a participar numa guerra sem declaração como a que se deu entre a China e o Japão por causa da posse de Manchukuo. Nós saberemos reagir».—(U. P.)

JULGAMENTOS NA BOA-HORA

No 1.º juízo criminal, sob a presidência do sr. dr. Pedro d' Albuquerque, foi julgado José Maria Ferreira, acusado de, na noite de 26 para 27 de fevereiro findo, ter, juntamente com outros indivíduos, assaltado a quinta da Quelmada, em Sacavem e pertencente a Joaquim da Silva Pinheiro, donde levou um cão de guarda no valor de cento e cinquenta escudos, cinco dúzias de peles de carneiro já curtidas, três quilos de toucinho, uma bilha com azeite, tudo no valor de dois mil e oitocentos escudos, e ainda de ter prestado falsas declarações á autoridade.

Foi condemnado em dois anos de prisão correccional, nove meses de multa a um escudo por dia e mil de imposto de justiça.

Ainda ha quem acredite na eficácia das «salgas»!

O sr. Francisco José Lopes, morador na rua Infante D. Henrique, 23, 3.º, queixou-se na P. I. C. contra o facto de, ha um tempo a esta parte, encontrar junto da sua porta «salgas», compostas de vidros moidos, sal e terra de cemiterio. A Policia investiga.

Embaixador do Brasil em Paris

Passou hoje no Tejo, a bordo do «Asturias», o illustre embaixador do Brasil em Paris, sr. dr. Sousa Dantas, e sua esposa, que regressam á capital francesa.

«CASA INTERNACIONAL» O filme das 1001 gargalhadas!

No Terraço e salão do Capitólio exhibe-se hoje outro programa de notavel categoria, onde figura o filme «Casa Internacional», a comedia mais hilariante do ano reunida ao maior triumpho musical da temporada. Um conjunto jamais igualado de «estrelas» de canto e dança num ambiente internacional, com Peggy Hopkins e Sari Maritza. Completa o espectáculo «Escandalos Romanos», um exito de alegria e de grandezza, com o impagavel comico Eddie Cantor. Os bilhetes para o Capitólio, com entrada gratis no Parque Mayer, custam apenas 1\$60.

O JUBILEU DE JORGE V

Os soberanos ingleses visitam os bairros do sudoeste de Londres

LONDRES, 10.—Os soberanos de Inglaterra fizeram esta manhã uma visita inesperada aos bairros do sudoeste de Londres, onde admiraram as decorações feitas por motivo do jubileu. Depois de terem atravessado o Tamisa, estiveram em Battersea Chapham e Wandsworth, onde foram alvo de carinhosas manifestações da parte da população. Os soberanos visitam amanhã a parte norte da capital.

Jorge V ofereceu ontem um banquete de 150 talheres, em Buckingham Palace, aos membros do governo, representantes de todos os grupos das Camaras e altos funcionarios de Westminster e dos ministerios. Depois do banquete, uma multidão de cerca de 10.000 pessoas juntou-se em frente ao palacio a aclamar a familia real. Jorge V, a rainha Maria e varios membros da familia real apareceram a uma das varandas do palacio e foram longamente ovacionados.

O País de Gales e a Escocia celebram amanhã o jubileu do soberano. Por esse motivo, o principe de Gales parte amanhã para Cardiff, como representante de seu pai. Para a Escocia deve seguir, pelo mesmo motivo, o segundo filho dos reis de Inglaterra, duque de York.—(Havas).

LONDRES, 10.—Os duques de York, depois de visitarem a Escocia, onde vão representar o soberano de Inglaterra nas festas do jubileu, regressam a Londres e seguem depois para Bruxelas.—(Havas).

Um julgamento importante

FARO, 10.—Começou hoje ás 14 e 30 em tribunal colectivo, constituído pelos srs. drs. Francisco Castilho Sequeira, João Bernardino de Sousa Carvalho e João Rosado Cardoso, o julgamento de Manuel de Brito Veiga, de S. Braz de Alportel, acusado de ter morto á paulada um trabalhador da mesma localidade chamado José Lourenço Caiado. A accusação particular e a defesa estão a cargo, respectivamente, dos srs. drs. Manuel Pedro Guerreiro e José de Sousa Cachopo Junior.

Já depuzeram 19 testemunhas de accusação e 6 de defesa. Este julgamento está despertando aqui o maior interesse por haver quem creia que a vitima não morreu em consequencia da agressão.

Vida consular diplomatica

Já retomou as suas funções de adido extraordinario á embaixada de Portugal em Madrid o sr. Armando Fernandes Coelho.

O governo turco concedeu já o ezequatur ao consul de Portugal em Constantinopla, sr. Joseph Jacques Abravanel, descendente do antigo ministro das Finanças, no tempo de D. Afonso V.

Conferencias

A conferencia de Mr. Paul Le Cour que devia realizar-se ontem na Sociedade de Geografia, pelas 21 horas e meia, ficou adiada para mais tarde.

J.N. Cunha, L.
Joalheiros 197-R. AUREA-201
Tel. 20730

PROCESSOS DE ROUBAR

Desapareceu uma joia do casaco duma senhora que fôra cortar o cabelo

Ha dias uma senhora da sociedade entrou num cabeleireiro da Baixa e despiu o seu casaco com uma joia, no valor de cento e quarenta libras, que servia para segurar uma camelia. As empregadas da casa admiraram a joia, falando acerca dela, umas com as outras e indo depois colocar o casaco na cabine do vestuario. A senhora em questão, quando acabou de cortar o cabelo, pediu o casaco. Qual não foi o seu espanto e o das empregadas, quando verificaram que a camelia e a joia haviam desaparecido.

A joia encontra-se segura contra roubo. E a companhia seguradora apresentou queixa na Policia, estando o chefe Pereira dos Santos e os agentes Baptista e Lourenço a proceder a investigações.

Foram ouvidas as empregadas do estabelecimento, assim como os seus proprietarios que se mostraram altamente empenhados em que se descubra o autor do furto. As suspeitas incidem sobre uma senhora de nacionalidade francesa. Os agentes Lourenço e Baptista foram ontem prendê-la numa pastelaria do Chiado. Esta senhora que fala razoavelmente o português e que se encontra ha pouco tempo em Portugal—começou por fingir que não compreendia a nossa lingua, quando os agentes a convidaram a acompanhá-los ao Tórel. Pelo caminho, dirigia-se a todas as pessoas a perguntar se sabiam falar francês. Até que encontrou um individuo que se prestou a falar com ela no referido idioma. Depois de a ouvir o referido individuo pretendeu opôr-se á sua prisão. Juntou-se gente que comentava o caso, até que foram todos para a esquadra do Teatro Nacional, onde o caso se esclareceu, acabando a francesa por ir para o Tórel, onde está sendo interrogada.

VAI REUNIR-SE EM LONDRES

uma conferencia imperial

LONDRES, 10.—O primeiro ministro do Canadá, Bennett, que veio a Londres assistir ás festas do jubileu, partiu esta manhã para o seu país. Durante a sua permanencia na capital, Bennett aproveitou para trocar impressões com o governo e representantes dos Dominios Britanicos, sobre todos os assuntos que interessam a economia e o commercio do Imperio. Affirmam os jornais desta manhã que ficou assente, em principio, convocar uma Conferencia Imperial, para Londres, a qual deverá realizar-se em fins de 1936 ou principios de 1937.—(Havas).

**SPEEDWELL
MOTOR OIL**

JOIAS — PRATAS
Não comprem
SEM VISITAR A NOSSA CASA

Só no «SÃO LUIZ» o público verá, nesta temporada,

A VIUVA ALEGRE

O maior espectáculo de todos os tempos!

O PORTO pelo telefone Julgamento ao ar livre

PORTO, 10

Na alameda das Fontainhas, onde no ano passado se deu um desastre de viação, que ocasionou a morte de um tipografo de nome Teofilo Braga, realizou-se hoje, no local do sinistro, o julgamento do responsável pelo desastre, o empregado comercial Joaquim Teixeira, de 19 anos, que guiava o automovel causador do sinistro.

Constituiu-se o tribunal sob a presidencia do juiz sr. dr. João Rodrigues, procedendo-se á leitura de autos, depoimentos e outros documentos, em seguida ao que, com a presença de peritos, se procedeu á reconstituição do desastre.

Provou-se a impericia do condutor do carro, continuando o julgamento, após a reconstituição, numa das salas do tribunal desta cidade.

A's 17 horas foi a audiencia suspensa, para continuar em 15 do proximo mês.

Val julgar-se também o pedido de indemnização de 95 contos, apresentado pela mãe do tipografo Teofilo Braga.

A GUERRA AEREA

Os ingleses vão tomar
as suas precauções

LONDRES, 10.—Por ocasião do grande debate sobre Defesa Nacional, o principal orador por parte do governo será o lord presidente do Conselho, Stanley Baldwin. Um dos assuntos discutidos, durante o debate, será a protecção ás populações civis por causa dos ataques aereos. O governo não quer alarmar as populações ou exagerar o perigo; mas julga conveniente que estas recebam a instrução necessaria precavendo-as contra qualquer eventualidade.—(Havas).

A viagem de Laval

A comitiva do estadista francês

PARIS, 10.—O ministro dos Negocios Estrangeiros, sr. Laval, que ontem á noite partiu para Varsovia e Moscovo, faz-se acompanhar de sua filha, do secretario geral do ministerio dos Negocios Estrangeiros e do seu chefe de gabinete.—(United Press).

Um avião alemão

atterrou em territorio francês

ESTRASBURGO, 10.—As autoridades francesas prenderam um avião alemão que aterrou, sem autorização, em territorio francês, proximo de Wissemburg, onde existem importantes fortificações.—(United Press)

DUAS CANONIZAÇÕES

CIDADE DO VATICANO, 10.—Anuncia-se que num consistorio celebrado ontem, o Papa votou a favor da canonização do cardinal John Fisher, e do martir britânico Tomás Moore.—(United Press).

Incendio em duas fabricas de cortiça

SILVES, 10. (Pelo telefone).—Pelas 23 horas de ontem declarou-se incendio num predio onde estão instaladas as fabricas de cortiça dos srs. Mario Santana e Sebastião Viola. Um socio duma das fabricas, o sr. Avelino Miguel, caiu e fracturou um pé quando, precipitadamente, se dirigia para o local do sinistro. O seu estado é tão grave que segue hoje para Lisboa, a fim de ser hospitalizado. Abateu o telhado do predio incendiado, e os prejuizos estão cobertos pelo seguro.

Exames de guarda-marinhas

Largou do Funchal para Setubal o aviso de 1.ª classe «Afonso de Albuquerque», que anda em viagem de exames de guarda-marinhas para 2.ª tenentes. De Setubal irá a Lagos, regressando ao Tejo em 15 do corrente.

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11

Almoços completos de 12 e 16 Escudos
Jantares completos de 15 e 18 Escudos
O DIARIO DE LISBOA e SEMPRE FIXE
vendem-se no Porto na casa Manuel da Silva
B... Praça da Liberdade.

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
 Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

«CLAUSTRO DO SILENCIO»

A macieira em flôr e o velho alamo

por JOAO BARREIRA

Isolada pelo oiro da moldura que rasgava uma janela sobre a amplidão primaveril, a macieira em flor afogava no seio azul a neve dos seus braços que irradiavam e noivavam numa fluidez de brancura eterea. A luz vibrava, palpitava, estuava numa sara-banda molecular de fremitos que dissolviam em sedento beijo os contornos vegetais como se quizessem volatilizar a materia pelo triunfo genésico da côr. A côr!, a côr!, a côr!, véu ideal das realidades, encanto supra-sensível dos olhos que quer fazer-nos comunicar no tabernaculo intrinseco das coisas, ondulação euritmica, imponderavel, difusa, alma das apparencias, segredo do absoluto. A retina voga naquelas voluptuosas ondas de sonoridade luminosa, suga como abelha ávida o polen polvilhado naquela corola cantante, adora a criação murmura daquele ninho de imaterialidades que se dissolvem num halito incorporeo de miragem. Onde fica o tronco, os braços, as folhas, as flores? Submersos na fantasmagoria atomica que o pincel foi buscar a uma nebulosa de coloridos, matriz unica da criação que vagamente se adivinha através da volatilização das formas, da instabilidade das linhas. A visão, o espirito, ennovelam-se na contemplação sensual daquela agitação de bafejos cromáticos, como crisalidas que deles recebessem apenas a força misteriosa para criar asas e pairar com efemero prazer sobre aquele oceano sinfonico de chispas. A dôr é estranha áquele subtil desfibrar do sol, o pensamento ausente daquela cantata de tonalidades liquefeitas porque a imagem real da macieira em flor afogava-se numa caudal de manchas inconsistentes, absorvia-se num nimbo esfusiante de fugacidades...

Ao lado, abria-se outra janela dourada sobre uma paisagem humida onde se afogavam manchas de musgo e brilhavam espezinhamentos de agua. Ao centro bracejava um alamo, forte na expressão naturalista da sua musculatura vegetal, venerando no lançamento acolhedor dos seus

braços distribuidos em linhas calmas, de uma nobreza solene de grão-senhor. A luz banhava-o num afago simples, envolvia-o num beijo espontaneo, e dessa magia osculadora irradiava a tonalidade viril das suas folhas como se fôra o resplendor colorido de uma seiva succulenta. O tronco, dadiva do solo, tinha na sua robustez uma expressão geologica

que o casava organicamente ao rochas circundantes, ao humus mole e á linha de alfombra que fugia em gradações para a linha do horizonte. Era um sêr traduzido em realidades formais, em materializações precisas, desde a epiderme rugosa corroída de lichens onde se irisavam cristalizações de orvalho, á oscilação musical da sua côma sussurrante.

Nitidamente caracterizado na solidez das suas componentes, no desenho dos seus contornos, individualizava-se como uma criação consciente, respirando numa atmosfera livre e calma, banhando-se na luz e a esta devolvendo os coloridos que elaborara no seu seio prolifico, definidores da sua existencia formal. Porque a luz, chocando naquela massa vegetal, penetrando na trama da sua organica, punha-lhe uma aureola de harmonias coloridas como se houvera atravessado a cristallidade de um prisma. E a sua personalidade real não se dissolvia nas chispas dos reflexos, antes se afirmava na modulação grave dos brilhos que eram a alma da sua substancia, o fulcro da sua vida interior e meditativa. Podia-se tecer com ele a teia das confidencias com ele comunicando como de espirito a espirito.

Quando saí do museu, conservava na retina o deslumbramento ofuscante da macieira em flor que crepitava ainda em fulgurações luminosas como o sulco falcante de um astro incandescente. Mas lentamente, a festa da côr, a sinfonia dos brilhos ia-se volatilizando na indecisa fluctuação dos contornos impalpaveis, a fantasmagoria ia-se diluindo no vago das formas illusorias. Despida de simpatia animica, era apenas um regalo dos olhos, uma festa dos sentidos. Dominando-a quasi como uma vontade que afirma a sua plenitude exuberante, desenhou-se-me na retina o venerando perfil do velho alamo, estavel na sua solidez frondeante, vatusto como um druida que encerrasse no seu seio os misterios seculares do mundo vegetal revelados aos temperamentos contemplativos pelos murmurios da floresta. Era um simbolo que afagava a sensibilidade pela compreensão profunda da forma, pela amavel caricia da côr, e penetrava na inteligencia pela significação intima que o pincel soube dar-lhe, sagrando-o como uma alma.

(Do livro em preparação:
 «Claustro do Silencio» — meditações esteticas).

JOÃO BARREIRA



“A VINDIMA”

Gravura em madeira, de Sonia Lewitska

A fatal jornada

POR JOAQUIM MANSO

A morte é como um grande porto, na Terra de Ninguém, onde as almas embarcam para os três reinos da Divina Comédia.

Liberta ou cativa?

Para responder a esta pergunta seria necessário possuir a ciência que Deus reservou para si.

Henrique IV de França chamava-lhe a «grande ceifeira»: não existe mão mais pronta nem mais habil na arte de colher as espigas verdes ou maduras.

Os ingleses evitam falar dela, por entenderem que a sua imagem ofusca o brilho das festas e paralisa as linguas que celebram a beleza, o prazer e o orgulho. Ela, porém, aproveita-lhes o silêncio para profundar os seus golpes e segredar-lhe ao ouvido: —Quando te calas, ouves-me melhor.

Os homens têm tomado a seu respeito todas as atitudes, invocando-a, provocando-a, amaldiçoando-a e bendizendo-a também. Ela que nunca desvenda a face surge como e quando quere, cravando no nosso derradeiro pensamento a garra adunca que a sua fome de vidas trás sempre afiada e ligeira.

O homem revolta-se, destrói e mata, lança exercitos sobre exercitos, ergue e abate cidades, fulmina, ruge e profere imprecações tremendas para poder «sentir-se» no topo da cidade que conquistou: —Sou livre! Não ha braço que me subjuguem nem temor que me acovarde.

A morte que acompanha por igual os guerreiros, os santos, os heróis, os humildes, os nababos e os parias assinala logo a sua presença, ao lado do vencedor, perguntando-lhe: —Porque não contaste comigo?

Ele empalidece, oscila e treme, deixando cair a espada no gesto de trespassar o execrando fantasma da tirania. Da sua boca exangue e fria sai um leve murmúrio: —Confio-me à tua guarda...

No tempo do romantismo, quando as paixões tentavam ascender à grimpada dos ideais, abraçando-se com eles nas escaladas nocturnas dos castelos ou na cinerea consolação dos noivados do sepulcro, estabeleceu-se como moda a bravata á D. Juan:

—Morte, odeio-te e desprezo-te! Ela não respondia, deixando que Manfredo se fatigasse a esgrimir contra os espectros que a sua insana colera acordava, na serena paz dos cemiterios. Passado tempo, batia-lhe, altas horas da noite, á porta que se abria por si, entrava-lhe nos aposentos, invadia os orgiacos salões e sobressaltava-o no momento em que, ao empunhar a taça de dourado e capitoso licor, ele casquinava ironico e mordente.

—Com o amor se queima tudo—a sedução que o incende e a treva que o apaga.

A presença inesperada da Morte despertava-lhe a verve esfuante: —Sê benvinda, nesta tua casa!

Que pretendes de mim? O corpo ou a alma? Estão á tua disposição, que fiz de qualquer deles um trofeu digno das minhas blasfemeas.

—Vim simplesmente para te ver e admirar, na nudez absoluta da tua miseria. Nem ao menos compreendes que velo por ti, na certeza de levarte de rastros como cão que recusa a coileira...

—Não se pode dizer que tenhas pressa em executar-me. Quando me arrancas aos venenos que me corrompem?

—Não sejas curioso nem impertinente. Basta que saibas isto—o castigo não falta. Talvez no instante em que andes mui longe de mim, imaginando-te só, sob o ingenuo balcão de Gretchen.

—Então ainda vem longe, tanto mais que a inocencia não me tenta a carne. Sou um valente que se bate no amor, ás estocadas. E' por isso que as adúlteras me atormentam e incitam á guerra.

Une bonne partie de l'exposition de peinture a été réservée á un pensionnaire que est mort tragiquement il y a quelques semaines, M. Gerardin, enlevé en peu de temps par un mal que rien ne laissait prévoir. Ses toiles donnent même une impression extraordinaire de santé. Sa grande composition «Les Vendanges» est pleine d'un enthousiasme bachique qui se traduit par des mouvements enveloppants. Sa «Partie de Cartes» est également riche de formes et d'attitudes.

Trecho tirado de «Le Temps» e que se refere á Academia de França em Roma cuja ultima exposição foi ha cinco dias inaugurada pelo rei Victor Manuel.

—Não me espantam os teus pobres sarcasmos. No fundo, tens medo da tua maldade, como os ladrões das cruzes que roubam nas igrejas.

Manfredo e congêneres pertencem á galeria dos poltrões: acaso é bravura cerrar os olhos para não ver, blasfemar para não crer, poluir para não amar?

Conta-se—mito da velha Grecia—que uma vez a Morte consentiu que a atassem a um duro rochedo, sem possibilidade de quebrar as algemas que a escravizavam. Os homens insultavam-na:

—Monstro sem entranhas, expia agora a punição dos teus crimes!

Ela sofreu sem um queixume as vilanias da canalha insofrida que lhe cuspiu no rosto as suas raivosas afrontas.

—Enfim, enfim, a humanidade dispõe dos seus destinos!

Foram passando os dias e os meses e como fatalmente acontece, o tedio apoderou-se das cidades: desde que a Morte cedera o seu imperio, a vida tornou-se um fardo intoleravel.

—Viver para quê, se já não temos o estímulo de morrer?

Murchou a alegria, definhou a mocidade, amareleceu a velhice, os templos fecharam-se, os vinhos azedaram-se, as rosas murcharam e os sabios enlouqueceram.

—Zeus, pai e soberano, valei-nos!—eis o clamor de Hélada oprimida pela mortalidade.

A Morte compadecida da sorte mesquinha de tantos infelizes chamou o Amor e disse-lhe:

—Meu querido menino parte o engaste da cadeia que me envolve, com a tua mão pequenina...

Assim fez. Ela estreitou-o contra o seio e, beijando-lhe a face rosea, acrescentou:

—Seremos amigos e socios até o fim dos seculos.

Este pacto continua de pé observado e respeitado ciosamente pelas duas partes. O Amor trabalha para a Morte e a Morte para o Amor. De largo em largo, encontram-se e saudam-se, com gesto carinhoso:

—O dito dito! Já que o mundo avança para o ocaso, sirvamos-lhe nós de lampadas na escuridão.

Separam-se e logo o Amor balbucia: —Quantos sonhos nascem sob os meus passos!

A Morte, em tom doente: —As sementes de todos os pomares e searas cabem nos meus celeiros!

A ciência, que é uma coisa seria, alimenta a esperança absurda de estudar os dois libertadores—o do tempo e o da eternidade, a fim de tirar a um a loucura que produz e á outra o horror de que se reveste. Nada tem conseguido, porque o misterio que se analisa cobre-se da treva que os mestres lhe ajuntam.

Um celebre artista italiano teve esta singular fantasia: pintar Maria Madalena, a pecadora, não cheia de mocidade, de ternura magoada e arrependida, mas sim decrepita, descarnada, no termo final da decomposição corporea.

Que pretendeu revelar-nos?

A morte é o justo premio á velhice, visto ela significar o longinquo passo duma viagem que finda, na rendição lamentavel do barro que volta á origem. Não é conhecida a idade em que expirou aquela que recebeu o perdão e as benções de Jesus. Em todo o caso, dada a carencia de informação historica, a idéa de que, com o arrependimento que a salvou dos ardis de Satan, a perfeição evangelica lhe imprimiu uma beleza que nunca mais se extingue exige que o seu sacrificio não a deformasse, a ponto de ficar feia como as caveiras.

Nem é uma frase vã, embora francesca, esta—*mourir en beauté*.

Maria Madalena reuniu depois de

purificada, as duas belezas—a espiritual e a corporal. Representa-la na decadencia, para que o seu exemplo trave o vôo ás tentações, não está de acordo com as misteriosas determinações da Morte. Esta não sofre limitações no seu poder, a não ser os que traduzem injustiça ou capricho. Procede com absoluta retidão.

O sangue juvenil, o fulgor das quimeras enamoradas, a propria infancia desprevenida na sua candura, a adolescencia a desabrochar no queimor das promessas e dos desejos não escapam á sua foice inclemente.

Não aceita a seguinte ordem:

—Contenta-te com os velhos e respeita os novos.

Ela responde certaíra:

—E' necessario que todas as idades estejam sob o temor das minhas decisões. Cada dia que passa deve ter a sombra dum perigo a fim de impôr ao homem o culto da sua dignidade. Eu só posso ser vencida pelos que, infatigavelmente, ardentemente, esperam por mim!

O moço pintor de que acima fazemos menção, no recorte de «Le Temps», achava-se em marcha para a gloria e para a fortuna. Não carecia nem de força nem de saúde nem de alegria nem de talento. A sua obra não denunciava fraqueza nem misticismismo: ardia nela a paixão pagã do pensamento criador, a aspiração legitima de ser um francês com honra para a sua patria.

Presentia ele o que de incerto, precario e caduco se inclui nos dons mais ricos?

E' possivel que não, pois a mocidade mostra uma tendencia pronunciada para se concentrar nas emoções em que só o clarim das cavalgadas e das aventuras.

A Morte, que lhe importava a ele a Morte, se o seu peito lhe garantia o fervor rompente duma manhã eterna?

No canticó da plena juventude, ao trautear uma canção gaulesa, M. Gerardin divisou uma estranha aparição:

—Quem és tu que me fitas com tão enigmatico olhar?

A Morte que ele desdenhava, havendo-se recusado a dar-lhe entrada na ficção faunesca dos seus jubilos picturais, pousou-lhe a dextra no ombro e interpelou-o:

—Porque me repeles? Ignoras que eu sou a essencia do genio, do trabalho, da ambição e do sofrimento?

O mancebo que acreditara na arte e que pusera nela a flamula da sua victoria contra a rebeldia das cores percebeu illuminadamente que esbarrara num indomavel promontorio.

—Que mal fiz eu para me escolheres entre tantos que nada podem revelar nem confiar aos seus semelhantes?

—Não penses em ti, mas sim em Deus que te convida.

Em pouco mais duma semana, M. Gerardin era cadáver—vago punhado de cinzas entregue aos ventos indiferentes. Partiu, no começo da sua annunciação. Outros irão encerrando nas formas belas os deslumbraamentos que conceberam. Ele, não, visto que a Morte não o saudou como pintor mas como viador. *Sursum corda!*

Contava ele com a sua paleta para interpretar a natureza em delirio festivo? Enganou-se, porque do seu sonho incompleto brotou a revelação total da Boa Nova. A Morte, que também é artista, soltou-o, com doce brandura, das prisões da materia e foi-lhe explicando:

—Vais ver como o universo é imenso e talhado consoante as leis da Beleza que funde as oposições e harmoniza os contrastes. A tua pintura tem de renovar-se: até aqui imaginavas, divagavas, surpreendias, num misero lampejo, a visão que te encantava, mas doravante, o firmamento oferecer-te-á as suas constelações e as cores do arco-iris.

9-V-1935.

JOAQUIM MANSO



ROBERTO ARAUJO

Notas em circulação

«POSADA DE LA SANGRE»



Mario Beirão

(Desenho de Antonio Carneiro) e de sofrega angustia.

Mario Beirão é uma das labaredas mais altas que iluminam a poesia portuguesa. O seu fulgor vai da terra ao céu, das estrelas que palpitam em silencio ás raízes mais humildes que segregam no solo a sua faminta ansiedade de existencia. Toda a sua obra que aspira ao infinito é uma abraço feito de humana ternura. Tudo na sua sensibilidade repente canta, em maravilhas de eleição lírica: a dor das almas e até das coisas inanimadas, as arvores e o oceano, as paisagens cremadas e os sonhos que descem como neblinas da face triste e enovada do mundo, numa tortura metafísica que ora nos sufoca de beleza atingida e perfeita, ora nos esmaga de patetico, num grito terrível, fremente de pura emoção

(TOLEDO)

Oh, quão distante vai aquela hora,
Em que, eu, exausto de penosa viagem,
Bati, por noite fóra,
A's portas duma lugubre estalagem:
«Posada de la sangre»,—torva ruína,
A morrer sobre um dorso de colina!

Entrei e, logo, me tomou o Espanto:
Em alva e larga mesa,
(Na Távola Redonda ia a dizer...)
Cejava, já descomposta, estranha gente:
Bruxos, fidalgos, bobos, um demente;
Envolto no seu manto,
—O olhar longínquo e tardo,
Altivo o parecer,—
Dom Quixote assistia ao grande alardo,
A' alegria que ria, louca e acêsa!

O perfume dum vinho capitoso.
Errava, lento, no ar; os olhos, fundos,
Mansos, dum bobo, entresonhavam mundo
Refulgiam de goso...
Não terminara ainda a rubra ceia,
Quando um moço troveiro
E cavaleiro,
Destramente cantou, á maravilha,,
Em uma seguidilha,
Os filtros da amorosa Dulcineia!

Descerrava a manhã o alvor primeiro...

Dom Quixote sorria, contemplando
Vaga e ausente quimera;
Por acaso, atentando
Em mim, que na penumbra me escondera,
Quiz saber donde eu vinha,
Qual o meu nome e qual a patria minha.

Em face de tão inclito senhor,
Fui respondendo a medo,
Como em segredo;
Mas ele, com airosa fidalguia
E frases temperadas
De piedade e ironia,
Desfez o meu temor:
Assim, (bons camaradas...),
Misticamente, as almas aquecendo
No mesmo heroico ideal,
Revestidos de fé, sob um tremendo,
Igneo clangor de tubas, sem igual,
Conquistámos soberbas cidadelas,
Com torreões,—ninhos de aguias e de estrelas;
Batemo-nos, em rixas sanguinosas,
Pelas graças do Amor;
(Nos balcões de fantastico lavor,
Sorriam as Formosas...);
Libertámos doridos prisioneiros,
De olhos turbados, reflectindo, escuros,
A noite de tristeza,
Que envolvia seus mudos cativeiros...
E, cada vez mais belos e mais puros,
Após uma árdua empresa, uma outra empresa!

Era alto dia! (A febre declinava;
Já o Pensamento as asas recolhia...)

Sancho Pança, entretanto, reasonava!

MARIO BEIRÃO



O teatro popular é sempre um manancial riquíssimo de sugestões e imagens. Gaston Baty, comediógrafo e empresário, reconheceu-o decerto, publicando na biblioteca teatral de que é director, sob o título «Guignol», oito peças do repertorio popular de Leon, patria, como se sabe, do proprio e afamado Guignol. São obras sentenciosas e cómicas, ingenuas no estilo, mas fortes no sabor, na graça, e até, por vezes, no desenho do caracter dos personagens. Nós possuímos também velhos autos e farsas, ainda hoje representados por essas provincias além, que mereciam recolha e boa vontade dum editor, dum prefaciador e dum anotador. A leitura ou audição dessas criações singelas e rudes de rude e singelo engenho não deixa de ser reconfortante. Descansamos dos casos complicados da vida e da literatura. A questão é saber entendê-las, e não procurar nelas o que lá não está nem pode estar. Madresilvas bravas, não se lhes peça perfumes capitosos, mas apenas a candura alegre e sã da alegria sem maldade, e do lirismo sem veneno...



O anseio de viajar, de correr mundo, de mudar de ambientes e paisagens, é um dos grandes temas da literatura de hoje, sendo o outro, precisamente, o sonho calmo de limitar o nosso universo á vida cotidiana e simples, enraizada á patria, á região, á atmosfera nativas. Apesar de tradições imemoriais e do feltro aventureiro do português, succede entre nós este caso curioso: poucas são as obras literarias onde realmente fremente o desejo de partir, ou nas quais se relatam aspectos e visões dos países estranhos. E isso cons-

titui, afinal, ausencia de certo modo grave, tão certo é que em tal genero literario se pode afirmar e afirma suprema vitalidade de querer, de sentir e de pensar. Regista-se, pois, com especial interesse, o aparecimento do novo volume de Joaquim Paço d'Arcos, cujas quatro novelas desenrolam sua acção em varias terras do vasto globo, e em plenos e exóticos mares. Obra interessantissima os «Amores e viagens de Pedro Manuel», porque, além das suas virtudes de estilo e de imaginação, coloca-nos em presença duma alma de extreme portuguesismo, enfeitada pelos multiplos cenários, figuras, povos, cidades que descreve e evoca, sempre cativante. O sr. Joaquim Paço d'Arcos não é ainda, talvez, um escritor perfeito. Não nos peritence, aliás, criticá-lo aqui. O que pretendemos acentuar, porém, é que o seu Pedro Manuel, especie de Magriço do nosso tempo, enquadra-se bem na galeria dos lusitanos de antigas eras, sequiosos de climas ignotos, de amores longínquos, e de horizontes que não cessam de embriagar-nos com o seu esquivo e sempre renascente sortilégio...



«Nouvelle Revue Française» continua a publicar as «Paginas do Diário», de André Gide. Ha ali reflexões e observações agudissimas,

que realmente impressionam. Esta, por exemplo:—«Desde ha muito desprendi a arte de ser feliz. A minha cabeça está cheia de raciocínios atrozes. A mais simples felicidade é permitida a muito pouca gente. As queixas e os protestos dos outros recorrem céu e terra. Se a mim proprio digo que nada posso fazer para lhes dar remedio, isso não me impede de ouvi-los».

Como, em geral, os escritores e os artistas têm fama de egoistas ferozes, não é mau que, de vez em quando, um apareça a proclamar o seu profundo e invencível sentimento da dor alheia. Junqueiro dizia que, certas horas, ouvia chorar as pedras. Contentemo-nos em ouvir e, se for possível, em consolar as magoas dos nossos semelhantes, que já não fazemos figura de selvagens impiosos.

A arte e a psicanálise

... Sr. Director:—A referencia feita ás conferencias do sr. Varela Aldemira, pelo «Diário de Lisboa» chamou a minha atenção para esse trabalho, que acabo de ler.

Revela o autor, uma cultura geral notavel e conhecimentos de psicologia normal e patologica, invulgares entre os nossos artistas. Creio, porém, que numa conferencia feita já ha tempo, o sr. prof. dr. Rocha Brito, se occupou do mesmo assunto, embora mais resumidamente. Nunca se torna inoportuno vulgarizar as teorias de Freud, cuja influencia te mpenetrado nos mais variados campos da cultura humana.

Os artistas e homens de letras tiveram mais rapidamente a percepção do genio de Freud que os medicos e os psicologos.

O grande Paul Bourget, no seu romance «Némésis» sintetisa em poucas linhas a doutrina Freudiana. Isto numa epoca em que estas teorias encontravam em França á mais viva hostilidade. E' conhecida a influencia poderosa do estudo do sub-consciente no teatro moderno de Pirandello, Lenormand e outros.

Nada direi da influencia da psicanálise na pedagogia, psicologia infantil, etc.

Publicam-se na Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, umas dezenas de revistas dedicadas a estes assuntos.

Encarando apenas o problema das relações entre a «Arte e a Psicanálise», não vem a propósito occupar-me da musica, embora a considere a mais completa exteriorização do sub-consciente.

Noto que o sr. V. Aldemira, no seu estudo, não faz a mais leve referencia a uma manifestação artistica, que tem por base a Psicanálise.

Quero referir-me ao movimento artistico re-

cente, conhecido em França pelo nome de «Surréalisme».

Nas suas pinturas e desenhos pretendem os pintores desta escola obedecer apenas á imposição do seu sub-consciente, afastando de si toda e qualquer preocupação de critica estetica ou moral. Mais resumidamente, as obras d'arte desta escola são geradas apenas por «Automatismo psíquico».

O critico d'arte André Breton, é o paladino literario e o mentor espiritual da gente nova que constitui este grupo. O artista mais interessante, mais completo de todos eles, é Salvador Dalí. Dignos de nota, também, J. Miró, Pierre Roy e outros muito conhecidos nos meios artisticos estrangeiros.

Tenho presente uma reprodução de um quadro de Pierre Roy, no qual uma figura feminina toca violoncello num ambiente estranho e irrereal, decerto transportado desse país de sonho, que estes artistas pretendem trazer até nós.

Se um pintor, como o sr. Varela Aldemira, entra tão afoitamente no terreno arido da psicologia e psiquiatria, acho admiravel que um medico como eu, se aventure no ambiente mais grato da arte pictural.

Em 1925, publiquei um pequeno estudo sobre as teorias de Freud, que julgo ser o primeiro trabalho deste genero, que appareceu no nosso país. Desde então para cá, uma bibliografia extensa e um interesse crescente, tem acompanhado a difusão das idéas de Freud em Portugal.

Eis porque vim trazer mais esta pequena contribuição, ao edificio imponente, que a obra de Freud elevou em todo o mundo civilizado.

ANTONIO LARANJO MONTEIRO

UM CONTO POR SEMANA**A estátua de Nossa Senhora**por **AQUILINO RIBEIRO**

Monsenhor D. Justo, no acto de desaparamentar-se da missa que, em sufrágio das almas do Purgatório ali fora instituída há mais de século pela senhora de Prime, que falecera donzela e a nadar em ouro, enviou o acolito chamar o cinzelador que trabalhava para a catedral. A oficina distava poucos passos dali, de modo que ainda não tinha acabado de arrecadar na gaveta funda do arcaz as dolentes vestes sacerdotais quando apareceu o artífice.

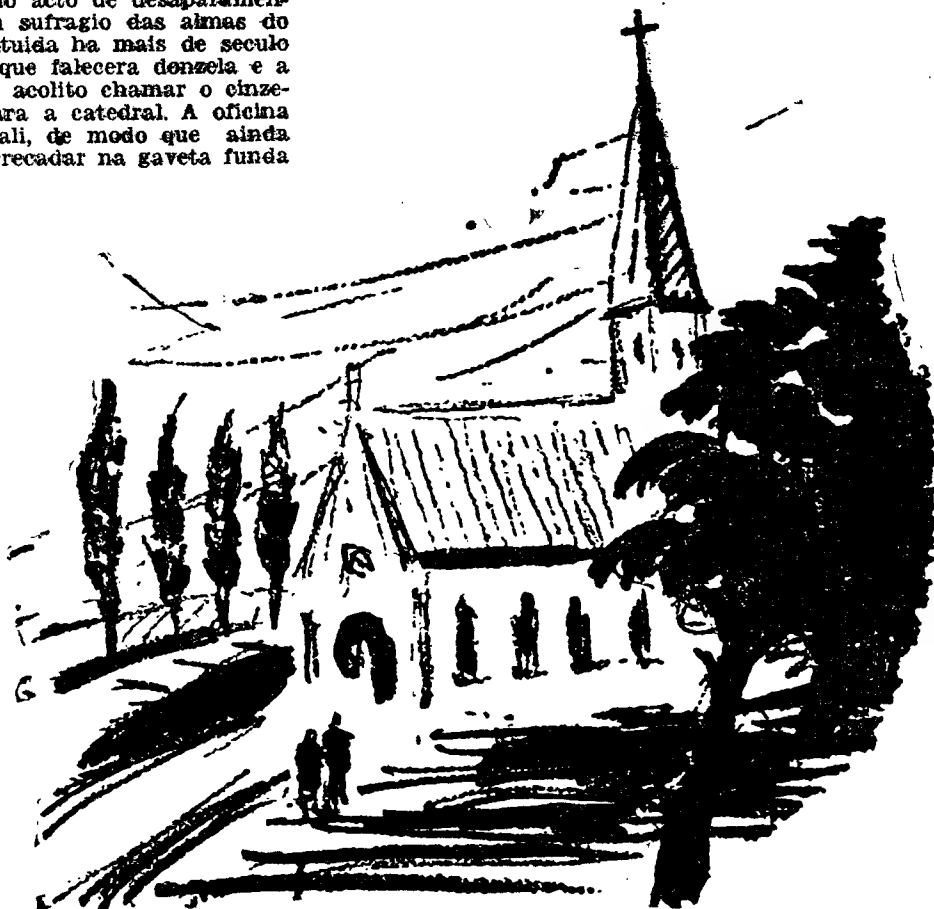
—Vou dar-te hoje as pratas para a imagem de Nossa Senhora—declarou D. Justo.—É boa ocasião, porque a estas horas deve a Bonifacia achar-se na praça a debater com as regateiras o preço das cenouras e dos nabos com que me ha de fazer o caldinho para o jantar. Sempre te digo que vai uma carestia tal que, por este andar, só podem viver os pobres e os ricos. Os pobres porque lhes não fica mal pedir e ainda ha almas boas, esmoleres, e os ricos porque ricos são. Ouve, é bom que a Bonifacia não saiba da encomenda. Cá por coisas. Quero também fazer-lhe uma surpresa. Então, se te não causa contra-tempo, vem daí.

Foram seguindo a rua do Infante, estreita e levemente flectida a favor daqueles dois solares, um mais acima, á direita, outro mais abaixo, á esquerda, que plantados com seus braços arrogantes de soslaio um para o outro, lhe tinham dado nascença e direcção. Tendelros e lojistas haviam armado já as quitandas ás portas, exposto as pechinchas ao alto das pilhas de fazenda, e, diante, por famílias, aos pares, os camponios dos arredores apreciavam com o marçano, rosadinho e guedelhuo, ou estarreciam embasbacados á vista de bonitezas, inacessíveis a suas bolsas. Maturino, o picheleiro, atroava o céu com uma cantara de folha que desamolgava ao estremeceador; no estanco, uma mocita varria com vassoura lesta o passeio e limiar, enquanto o dono, depois de descer o descolorado e rangente toldo, com o regador borrifava e escrevia no soalho arabescos de que o proprio muito gozava.

A senhora Micas, doceira, beatinha o bastante para não perder sedução o bonito rosto que Deus lhe deu, veio á porta saudar quando passava monsenhor. Diziam-na liberal das suas graças, mas quem seria capaz de o ir jurar e muito mais de proferir a condenação se é certo que o corpo, martelado de dentro para fora, é o retrato da alma e as boas coisas foram feitas pelo Senhor para aprazimento dos homens e não para sorvarem ao deusdará?

Na estalagem do Roberto, o negro rachava lenha e a cozinheira depenava um adam, menos gordo do que ela. No louceiro, uma rapariga de chaile traçado dum ombro para a ilharga com helenica graça, batia as pucaras, não fossem elas gretadas e melar. A rua, a par deste bulício, animava-se com as tamanquinhas palmeiras, a caminho do mercado, vindas do vasto suburbio.

D. Justo regalava-se todo de passear pela cidade áquela hora matutina, com a vida cotidiana em seu preambulo: sapateiros á porta a preparar os liços, moças a arranjar o cabelinho ao espelho contra a vidraça, porcos e vitelas nos talhos com a ultima colcheia do estertor, dir-se-ia, na guela, mendigos a buscar o poiso á entrada das igrejas. Ali pisava ha mais de cinquenta anos e a fisionomia das pessoas era-lhe familiar como a fisionomia das coisas. Baptizara algumas das mulheres lindas e cobiçadas que deviam áquela hora estar no tocador; vira-as florir e agora quando as encontrava, deleitado mas não libidinoso na contemplação especiosa, agradecia a Deus o dom inigualavel do olhar. Sabia de cor a heraldica das casas fidalgas e a cronica de seus proprietarios. Por vezes sentia-se arrastado para o doce mexerico da vida provincial, colorido como fabula de Esopo. Mas ressarcia-se da inclinação, por muito bem saber que a Igreja em sua experiente sabedoria tem mais horror ao escandalo do que ao escandaloso. A cidade com suas ruelas, aqui um seringueiro e boticario, além um bate-folhas e santeiro, diante dos quais não passaria sem dar os seus dois dedos de cavaco, era o seu



segundo ripanço, porque em primeiro estava Deus a quem forçoso era dar as horas, estabelecidas pelos canones. E' certo que todas as vezes que se punha a deambular pelo burgo antigo e glorioso, de tudo se esquecia, do comer, das obrigações eclesiasticas e portanto do divino Breviario. Mas o senhor bispo não o sabia e Deus sem duvida lhe perdoava o olvido porque na sua alma presenciava sem malícia os panoramas menos edificantes da cidade.

Naquela manhã, com hilros e andorinhões a sarabandear bêbados de sol em torno da Sé, monsenhor cortara pelo caminho mais curto. Mas lá deixar de cumprimentar os seus amigos e conhecidos que paravam um momento na faina para tornar os bons dias, fossem quais fossem os cuidados, de modo algum.

Ficava a sua casinha, meio rustica, meio urbana, á saída de portas e, já airosa com os beirais vermelhos povoados de ninhos, dava-lhe recreio um quintalito onde as arvores de caroço haviam deitado flor e os pampanos das videiras pulavam com soberbia.

Na sala, cheia de luz, as paredes luzentes do caio, cadeiras de palhinha á volta com o fundo amolentado á força de servir, depois de se certificar que a governante não havia entrado, proferiu despindo a garnacha:

—Senta-te, meu homem, que eu vou num rufo buscar as pratas.

Na ausencia de monsenhor entreteve-se o cinzelador a ver os quadros que, a todo o longo, santificavam aquele ambiente de almas singelas. Eram as candidas imagens do «Flos Sanctorum», em oleografia, corriqueiras a poder de vistas, que ali espreitavam por detrás do vidro em caixilhos de ouro vivo, ouro estalado, ouro denegrido pelo tempo. Algumas eram reduções de pinturas celebres, outras seu palido reflexo. O copista roubára-lhes a sublimidade para deixá-las apenas bonitas ao lance de olhos dos cristãos ingenuos. Os ascetas tinham-se convertido em anafados e róseos efebos e as Santas Rosas e Marias Madalenas possuíam talhes esgalgados e cabeleiras fulvas, opulentas. Mas como monsenhor e Bonifacia daquela galeria de santinhos não retiravam mais que o pólem espiritual, autenticas Morales ou Zurbarans não teriam efeito mais edificador. Portanto, nada havia que dizer ao sentido de D. Justo, que o seu gosto para ali não era chamado.

—Aqui está—declarava este, aparecendo por uma porta e pondo diante do artista um cabaz com pratas.—Se não chegarem, não me custa nada ir bater á porta do proprio Paço. Agora ouve... mas põe o cestinho debaixo dessa mesa, não venha por aí Bonifacia...

O cinzelador assim fez e D. Justo disse: —Quero uma imagem de Nossa Senhora que não envergonhe os imaginarios famosos que trabalharam nesta catedral. Simples, tocada da verdadeira simplicidade popular, é que deve ser a figura da Mãe de Jesus. Sabes que em rapariga foi modista e dizem que lavadeira...? Simples, simpatica, mas não formosa. A formosura é um bem e um

mal. Porque ha de a Virgem, tal como a pintaram os grandes pintores e a sonharam os agiografos, envergonhar as que são feias e darem-lhe a magoa de não ser bonitas? Não, a meu vêr, a Virgem não podia desagradar ao mundo e, felizmente para os homens, são mais raras as Helenas que as Rutes. Vais percebendo? A Palestina é a terra da gente pallida, baixa de estatura, ossos, ossos. Não ma faças anafadilha nem loira. Trigueira devia ser, se não a puxar para negra, e pequena de corpo, quasi infantil. De resto, condiz com os topicos da nossa raça, tal como se vêem em mais duma provincia, sobretudo aquelas que ainda acusam influencia da Barbéria. Franzina, pois, rustica, miudinha de rosto, a tirar para africana. O menino põe-mo deitado em palhinhas e que resplenda saude, a saude que comunica o leite franco e amoroso das mães. O resplendor divino virá depois, quando peregrinar pela Galileia e subir ao Calvario. Imagino que fosse como os outros meninos, risonho, dorminhoco, babozinho e chorão. Faz-mo natural, tão natural que cada máil veja nele um pouco do seu bebé. Compreendeste? No misterio de Deus que desceu á terra e encarnou no seio duma mulher ha a poesia divina e a poesia humana; aquela basta que no-la decantem os doutores da Igreja. Os olhos querem realidade, apenas realidade, portanto que a tua Nossa Senhora seja a tua máil antes de mais nada... Adeus, se a pratazinha não chegar, já sabes, arranja-se mais...

D. Justo a proferir estas palavras e o cinzelador a desandar de cabaz no braço, surgiu á porta a governante. O eclesiastico ficou mais alvo e tartamudo de que se contra ele avançasse um saurio descomunal. E logo ela que lhe conhecia o animo e as baldas se chegou de venta erguida, mão a harpoar, para o cinzelador:

—Que leva aí?

—Levo... levo umas coisas de monsenhor.

—Umas coisas da Sé—balbuciou D. Justo.

—Na casa não havia nada da Sé...

—Livros... um missal.

—Hum! Sempre me hei de tirar de duvidas...—e sem pedir vénia, num repente, ergueu a tampa do cabaz.—As nossas pratas!—exclamou.—Para quê? Para que leva as nossas ricas pratas?

—Ora, para que ha de ser?!—respondeu monsenhor.—Para brunir.

—Para brunir...? Então monsenhor dizia-me não ha muitos dias que as pratas, afora a baixela, não se alimpavam...

—Disse—tornou gaguejando—mas mudei de opinião.

—Então se mudou de opinião quem as limpa sou eu.

Bonifacia deitou a unha ao cabaz, depô-lo de cima da mesa e, uma por uma, foi sacando as pratas:

—As duas salvas... as nossas lindas salvas! Os quatro castiçais que deu a monsenhor o fidalgo do Arco...! A lampada de três lumes do oratorio... O meu copo, ah, também o meu copo?! A meia duzia de garfos, a meia duzia de colheres de sopa, aí, nem da concha do açúcar se esqueceu! A caixa das hostias... o calice, este rico calice que não ha dinheiro que o pague. Então tudo isto lá para limpar?

D. Justo de branco cambiara para vermelho, de vermelho apoplectico para verde. Chegára o momento de apelar para a sua energia ou de se render á derrota.

—Não, as pratas não vão para brunir—regougou.—Vão para derreter.

—Para derreter?

—Sim mulher, para derreter em louvor de Nossa Senhora, numa imagem da qual muito pouco viverás se as não vires convertidas.

—Mas Vossa Reverendissima enlouqueceu! Podem lá estragar-se coisas de tanto merecimento?

—Bonifacia—murmurou D. Justo em tom benigno, penalizado com a angustia da boa e velha serva; não lhe dava ela o tratamento cerimonioso, sinal de haver atingido o paroxismo da dor e da revolta?—estes trastes de pouco ou de nada nos aproveitam. Uns não têm utilidade pratica, outros, de uso corrente, são substituíveis. Não ha casa nenhuma, e muito menos a nossa, em que a baixela de prata se não possa substituir por uma baixela de loiça.

—Mas são lá feitos!...

—São, Bonifacia, boa e barbara criatura, amiga do que luz e resplandece. São... e descansa que não vai a fundir obra de Benevenuto Cellini, nem de artista que de muito longe se lhe pareça.

—Sim, mas o copo não destrói monsenhor. O copo deu-mo o missionario de Compostela quando cá esteve ha dois anos. E' muito meu!

—Tens razão, é teu. Mas se te digo que é para Nossa Senhora...

—Nossa Senhora não precisa de pratas. A Nossa Senhora tanto vale isso como uma Ave-Maria rezada do coração...

—Não é assim. Nossa Senhora precisa de boa

(Ver continuação na 8.ª pagina)

Dez minutos
com**Artur Augusto**

Artur Augusto é um dos *Momentos* mais vivos e intensos da literatura moderna. Tem talento e mocidade, ambos impecantes não de vencer, porque sente que a vitória é certa, mas de agitar idéas, não importa de que audácia, tendo a polvora necessária para explodir toda a serie de lugares comuns e convencionalismos que, com um peso de sarcófago, abafam o nosso meio intelectual.

A sua revista *Momento* drapeja ao vento, levada por uma falange entusiasta de novos, agregados num belo movimento de renovação espiritual. Nela se têm revelado alguns dos valores mais expressivos da nossa poesia, inovando ritmos e temas, de curiosa representação que, podendo muito embora chocar o leitor desprevenido, marcam no entanto uma fase lírica, de curiosa tendência.

Artur Augusto leva publicadas duas obras: *Mais além*, o seu baptismo poético, duma larga ondulação inspirativa ao arpejo das formas consagradas; e *Imagem*, ensaios críticos, duma penetrante análise, onde acusa, através das características da escola *Momento*, uma alta e nobre cultura.

Artur Augusto está bem nesta secção, galeria de novos e velhos, todos com valor, que vimos imparcialmente, fixando, sem nos importarmos com outras chancelas que não sejam as literárias.

Em plena pureza de intenções responde sincero, oportuno, através do claro cristal da sua sensibilidade. É possível que as suas construções intelectuais, dum estilo antecedido no tempo, mas nitidas e concretas para 1940—sejam agora consideradas com irreverência. Não importa! Outros, que já envelheceram, começaram exactamente assim.

—A sua actividade literária?
—Actualmente reparto-a pelo romance e pelo ensaio crítico; modalidades estas da arte que são, quanto a mim, as que melhor podem traduzir, para a multidão, todo o nosso pensamento e firmá-lo com clareza.

Sibilinamente:

—Os artistas classicos que não precederam ignoraram ou fingiram ignorar, a existência da multidão; só por incidente esta lhes interessou.

—Tem algum livro entre mãos?

—Estou trabalhando num romance de intuitos sociais «Eu, Deus e o Diabo», e tenho outro pronto, cuja publicação transfiro para 1936 ou 37. Presentemente, por motivos de ordem varia, só «Eu, Deus e o Diabo» me interessa. A minha actividade literária despendo-a também com a revista *Momento* que dirijo de colaboração com José Augusto e Marques Matias.

—Suas predilecções literárias?

—Dos portugueses, leio com interesse todos os novos; os dos grupos da *Presença* e do *Momento*; e também Rodrigues Miguéis, João de Barros, Antonio Sergio e Ferreira de Castro. Na literatura brasileira ha artistas de um alto valor, como são Jorge de Lima, Alcantara Machado, Agripino Grieco, Luiz do Rego e Ribeiro Couto, que me habituei a ler. Citar, além destes nomes, outros que nas literaturas estrangeiras prendem a minha atenção, seria ocioso citar... Mas, como dizia: leio quasi todos, mas, predilecção, não tenho por nenhum.

—Como trabalha?

—Geralmente trabalho á noite, fumando consecutivamente, até ficar satisfeito com o resultado obtido.

—Ambições?

—Mas viver é ambicionar; desejar sempre um progresso mental que nos imponha e eleve a nossos proprios olhos. E só pelo trabalho arduo, persistente, sem desalecimentos nem interrupções, se consegue qualquer progresso mental.

—Nada mais tem a dizer?

—Mais nada! Não gosto de cansar as palavras inutilmente. Quando me socorro delas é para as converter em idéas, boas ou más não importa, mas activas, dinamicas, como os pneus dum carro de corrida!

EPOPEIA AO INUTIL

Ao Alvaro Canelas

Quero tudo — tudo anseio,
E só desprezo o que faço:
Quero abranger todo o mundo,
E nem ocupo o meu espaço.

O Sol apenas me interessa
Enquanto o não tenho meu;
E o sangue das minhas veias
Parece-me bem mais inutil
Que a gota de agua parada
No cimo daquela rocha
Onde não posso chegar.

Inutilmente procuro
Novas palavras que possam
Ser só das minhas ideas.

Olho triste, cheio de tédio,
Os poemas que compuz
Na exaltação de mim-mesmo.

E só avisto palavras,
E só abranjo as ideas
Que dentro delas lançaram
Os primeiros, tão distantes,
Que delas todas usaram.

E procuro ser guerreiro
Divinizar-me em batalhas
Que levem ecos e loiros
Através do mundo inteiro.

E, afinal, unicamente
Revivo os gestos decrépitos
Que tantos outros fizeram;
E no chão, todo em ruínas,
Realizo só os passos
Que muitos herois já deram.

E, o que me avilta bem mais,
De toda a minha epopeia
Apenas consigo ver
O chapéu pouco elegante
E a cara de lua cheia
De um certo Napoleão,
E a espada já ferrugenta
De um D. Nuno qualquer.

(O que me avilta bem mais,
Unicamente a meus olhos,
E me coloca mais alto
No julgar das multidões
Que, apenas, vivem dos gestos,
Do chapéu pouco elegante,
Do rosto de lua cheia,
E da espada ferrugenta
— Que elas podem também ter).

E procuro, então, ser Eu
Na vida que todos vivem.

Mas de tal modo vivi
A vida dos sobre-humanos
Que me adiantei de mim-mesmo.

E fico á espera de mim,
A' espera daquele que sou.

—Entretanto, a vida passa,
E quando chego já não estou.

Marques Matias

ELEGIA

Perdi toda a ciencia que nasceu
comigo a ciencia viva,
que, em mim, se organizou;
e fez meus olhos para a luz do sol,
e para as sombras,
negras magoas que sobem,
do coração da terra,
quando a lua aparece, no horisonte,
gelada e branca de pavor.
E fez a minha alma
para a Luz divina,
embora a triste se debata,
na escuridão.
E permitiu que eu fosse, em mim, presente
e longe, errando, ao mesmo tempo,
na via lactea e nos caminhos êrmos
da minha aldeia...

Perdi o dom dos Poetas, dos que vivem
interiormente ao mundo;
e, sensíveis à Onda que dimana
da Fonte Original
em seus cantos ressoam qualquer coisa
de eterno e verdadeiro.

Teixeira de Pascoaes

MORTE E TRANSFIGURAÇÃO

Por que desertos passearam a minha alma
antes de a lançarem neste mundo?
—de a lançarem como carne ás feras?

Donde me ficou pegada aos ossos
esta chaga de cadáver que apodrece?
E esta garra que me curva sem descanso
sobre o que odeio, sobre o que desprezo?
E este gesto de cansada tolerância
quando antes me quizera estilhaçando
sem dó nem piedade o que me ofende?

Eu te renego, a ti que em mim trabalhas
na destruição do mundo por que anseio
e esta pele falsa que me deram,
e esta sombra nos olhos que puzeram
em mim usando de perfidia.

Deuses dos Céus e dos Internos, que desdenho:
aqui vossa presença invoco, solene,
e exijo:
De mim arrancareis êsse eu que não vos faço
o frete de agüentar por aí tora;
e mais:

que nem por sombras
julgueis que de joelhos no lagedo
erguerei até vós um olhar agradecido
de cão chicoteado e que se humilha!

Adolfo Casais Monteiro

(Do numero da revista "Momento", consagrado á poesia moderna).

POMBOS CORREIOS

● A Bíblia que depois da guerra cresceu de venda, voltou a bater todos os records de difusão: Em 1929 venderam-se 614 mil exemplares; em 1933, 956 mil e em 1934, 1.113.012.

● O escultor Diogo de Macedo vai reunir em volume as crônicas e impressões de arte que tem publicado no *Diabo*.

● Inaugura-se no proximo dia 23 de junho, no molinho de Saint Pierre, sul da França, o museu Afonso Daudet, que reúne uma preciosa colecção de retratos, manuscritos, autografos, cartas, artigos dos jornais, caricaturas e edições do grande romancista. Como vêem, as recordações literarias do autor de *Lettres do mon moulin*, ficará naquele ambiente, cheio de sugestão

espiritual, admiravelmente representadas.

● Acaba de sair a segunda edição do livro de contos *Aparições*, de João Ameal.

● Ferreira de Castro está escrevendo um romance, cujo tema deve causar sensação.

● Artur Portela vai publicar um livro de novelas e crônicas, com o título *Tumulto*.

● Deve sair por todo este mês um livro da escritora Maria Lamas intitulado «Para além do amor».

● Saiu agora o IV volume do *Arquivo Historico da Madeira*, com um curioso sumario de estudos artisticos e historicos.

● Bastos Guerra tem no prelo um

novo livro humoristico: *Baile da Graça-narrativas irregulares*.

● O dr. Arnaldo Forte vai publicar, com o titulo *Tunis... a noiva do mar*, um livro de poemas, tendo por tema aquela maravilhosa cidade africana.

● Livros portugueses que se venderam mais durante a semana: *D. Sebastião*, do dr. Queiroz Veloso, e *Amores e Viagens de Pedro Manuel*, de Joaquim Paço de Arcos.

Livros franceses: *Peissiere*, de Pierre Benoit e *Magistrats et policiers*, d' Leon Daudet.

A tradução mais vendida esta semana foi o *Vôo de Aguiar*, de Ethel M. Dell, romance inglês vestido elegantemente para a nossa lingua por J. C. de Barros.

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

O dr. Ramada Curto*num ironico depoimento***diz que os jovens escritores, á força de se admirarem mutuamente, hão de acabar por se imortalizar**

RAMADA CURTO

—Quais as características da actual literatura portuguesa?

—O panorama literario português, em síntese, não é por nem melhor do que os varios panoramas literarios, intellectuales, religiosos, morais da hora presente, por esse mundo fóra. E' mais calmo—talvez menos interessante por isso. A nau é pequena, a tormenta é proporcional. Inventar, não inventamos nada. Sofremos influencias... As literaturas contemporaneas não marcam um sentido claro, afirmativo, porque a hora é de crise e de incerteza. Ha em tudo um sabor a cinsa—como depois dum incendio. O presente desnorteia e o futuro assusta. De resto, o Economico condiciona tudo—o literario como o mais. Creio que de todas estas contradicções ha-de sair uma síntese luminosa e forte. Preparemo-nos para ajudar essa obra, estudando, educando o gosto, amando como é dever dos que se julgam capazes disso as coisas eternas e universais do espirito, que precisam, é certo, de ver primeiramente resolvidas as do estomago.

«Triste sina de bichos com uma centelha que nós somos!»

—Mas ha sintomas...

—Ha um—e admiravel—a serie de jornais literarios que apareceram ultimamente. Não é dum optimista como eu sou, pensar que, com tanto barulho, a montanha pára um rato... Pelo menos que mostre ao País alguns ratões, com talento que é o que me parece que está succedendo. E' enternecedora essa pleiade de jovens escritores que juram uns pelos outros, que servem de publico uns aos outros que se lêem uns aos outros e que—estou certo!—á força de se admirarem mutuamente e serem amigos, hão de acabar por se imortalizar. Onde mais uma vez se provará uma coisa que eu não me canso de afirmar: é que não ha apostolados inuteis; quando não salvem mais ninguém salvam os apostolos. Os apostolos—e os compadres.

—Mas o questionario...

—Ha de permitir-me que eu não responda ao seu questionario. Posso dar-lhe as muitas impressões sobre o estado actual das letras portuguezas. Tenho seguido no seu jornal com interesse as opiniões de muitos ou quasi todos dos escritores contemporaneos. Como toca agora vez aos advogados, que lêem, quando podem, outros livros além dos Codigos vou-lhe dizer o que penso. Mas sobretudo, em esquema, sem pretensões. Com a materia das suas perguntas fazia-se um ensaio critico. Ora eu para ensaios bastam-me os das peças. Previno-o já de que na materia eu sou francamente optimista.

—Um optimista cheio de ironia!

Ramada Curto finge que não ouve, e prossegue:

—Nós, na verdade não temos uma literatura, mas temos casos individuais muito interessantes. Isto parece paradoxal mas visto bem, não é. Uma literatura característica, diferenciada, inconfundível só as têm as Nações naqueles momentos da Historia, em que a sua personalidade se afirma e destaca com um relevo excepcional e proprio. Nos seculos XV e XVI, nós não nos confundiamos com ninguém. Faziamos epopeia e, porque a faziamos, tivemos o unico poema épico da idade moderna—poema de navegações, de conquistas, de guerras... O Papa dava-nos de presente metade do Mundo e nós davamos ao Mundo os Lusíadas e uma pleiade de homens de ciencia, de narradores de viagens, de humanistas, e uma colaboração na obra da Renascença que marcou a nossa personalidade de forma inconfundível.

—E depois dos Lusíadas! Queremo-lo mais perto, no nosso tempo. Se começa a fazer literatura historica nunca mais o apaziamos.

—Terminada a função dica-nos—já é banalissimo dizer-lo—o saudosismo, o lirismo o feitiço elegiaco, uma indisciplinada fermentação sentimental. E' isso que determina a nossa vis lirica e elegiaca, unica na Europa. João de Deus, por exemplo, não po-

Ramada Curto para responder a este inquerito sentou-se na Cadeira da Verdade—titulo famoso duma peça sua que, em seu tempo, provocou escandalo. O mesmo deve succeder agora. Este depoimento ligeiro, ironico, acerado, transparente de intenções e recheado de «carapuças» é uma pagina forte de critica, feita com tanta subtilidade, como indolente simpatia humana.

E' possivel que Ramada Curto insista demasadamente no ridiculo, mas observando justo e reagindo, salutarmente, contra certos convencionalismos, que estão adquirindo um volume, um relevo, uma expressão, e até mesmo um caracter em absoluto anti-literarios. O resto será blague, mas oportuna.

E' escusado apresentar Ramada Curto—o dramaturgo, o advogado, o politico, o poeta e o romancista. E' um homem de facetas multiplas, servido por um talento excepcional, vivo, oriador, mesmo transbordante, dentro do seu tempo e da sua época, conhecendo como poucos a comedia e a tragedia da vida. Dá-se com Ramada um curioso fenomeno: O advogado é tão grande, ocupa tanto espaço, vê-se de tal maneira, afirma-se tão poderosamente, que o escritor admiravel que ele é, quasi desaparece por completo na sua sombra. E, no entanto, Ramada Curto vale como homem de letras tanto como tribuno. O seu Debalzo de Cedro, As aventuras de Malaquias Raposo são dois romances-tipos, que caracterizam admiravelmente Lisboa de hoje, com as suas intrigas mesquinhas, os seus conspiradores ridiculos, as suas legendas sentimentais, os seus ambientes snobs, numa identificação singular de costumes, e com figuras duma verdade implacavel—que não se compicam na psicologia, mas que vivem, como qualquer de nós, escravizadas pelos instintos, dominadas pela paixão, ou tocadas do inutil idealismo das estrelas. O prosador revela-se masculino, forte, de replacas incisivas, tratando admiravelmente o seu português, num ritmo vivo e coeante de estilo, aqui e ali cortado de belas faiscas de ironia, a melhor talvez que ora se escreve.

A sua Cadeira da Verdade é um lugar de honra. Vale, pelo menos, o seu fauteuil da Academia. Ides ouvi-lo.

dia escrever noutra lingua. O elegiaco Antonio Nobre é tambem tipicamente português. Os nossos poetas menores são formidaveis e se houvesse uma exposição internacional de lirismos estou em crer que ficariam fóra do concurso e membros do júri.

—Nomes?

—Pascoais, Correia de Oliveira e tantos outros continuam a tradição. O adorável Augusto Gil, o esquecido e grande Fausto Guedes, a malograda Florbela Espanca, são exemplos do que afirma. O mais pobrinho e enfadado dos nossos poetas tem um soneto, uma quadrilha, ás vezes uma simples imagem presa num verso, que brilha com um fulgor de gema preciosa e que é nossa caracteristicamente nossa—e muito linda.

—Quanto ao mais?

—Quanto ao mais... Ali temos o lirico Julio Deniz e isolado, grandiloquo, formidavel no romantismo, na violencia e na grosseria, na chalaca e no genio—o Camilo. E temos esse monolito, talento e caracter talhado em rocha viva—o Herculanio. Mas não temos mais nada? Temos, sim senhor. Temos o milagre português do seculo passado. A inexplicavel floração em Portugal duma pleiade de homens, que nasceram e produziram no saudoso reinado do sr. D. Luiz I e no do filho. Como explicar o aparecimento em Portugal, dum Antero, dum Eça de Queiroz, dum Fialho de Almeida? E' ou não um excepcional favor da Providencia a dadiva dum Junqueiro, dum Gomes Leal, dum Oliveira Martins? Eu estou que sim. Mas eu já não considero isso caracteristico, racial, nosso. Qualquer desses homens podia, perfeitamente ter narrado no estrangeiro e exprimir-se noutra lingua. Antero, ficava bem na metapsica Alemanha. O Eça, se tivesse escrito em francez—a nossa lingua perdia, mas ele não perdia nada. E os outros por igual.

—E o tal «milagre» continua?

—Responder-lhe-ei o que lhe disse no principio da entrevista. Ha casos individuais. Para não me alongar, três lhe aponto eu já de caminho. Que me diz a Eugenio de Castro? Se a nacionalidade dum escritor fosse coisa que se vendesse estou em crer que a deste não era paga por bom preço. A Italia tem D'Annunzio, mas a Italia tem muitos milhões de habitantes—não tenho aqui á mão uma geografia para lho dizer ao certo—e nós temos cinco milhões e quinhentos mil. As potestades que do alto repartem estes sujeitos pelos Povos, desta feita fizeram batota a nosso favor.

—A nosso favor!

—Não duvide!

—Julio Dantas, por exemplo—o tão discutido, tão invejado e tão consagrado Julio Dantas. No País mais literario do mundo, nessa França admiravel onde até um caixeiro escreve bem e uma *midinette* tem

estilo, este escritor, cheio de talento, requintado, literario, com paginas de prosa admiraveis, peças esplendidamente feitas, versos que são duma atica beleza,—estava *soul la Coupole*, como aqui está no Arco a esus e com mais direito do que muitos que lá estão. E Aquilino Ribeiro, que se compraz em fazer com a nossa lingua o que um escultor faz dum bloco rude de granito todo em friso de figuras do «Via Luminosa das Terras do Douro» do «Jardim das Tormentas»—figuras vivas, sangrando humanidade, que não se esquecem mais.

—Fica por aí?

—E' melhor! Na verdade, nós continuamos, a ter sorte. Tudo isto é verdade, meu querido amigo, mas repito, são casos individuais, não são uma literatura—pelas razões que já lhe disse. O País não inspira, não sente, não se interessa e não paga os seus escritores. As idéas que vêm de fóra aos problemas que se agitam lá fóra, ás correntes de pensamento que nascem alem fronteiras, ao entrarem no País devia succeder-lhes o mesmo que sucede aos raios de luz que atravessam um meio cristalino. Continuam a sua marcha, mas sofram influencia do meio que atravessaram. O meio português é opaco ou pilarisa as correntes do pensamento contemporaneo. Não as apropria, não as influi, não as reflete. Daí o caracter anedotico das nossas criações literarias—três mil exemplares de tiragem nos bons casos—para entretenimento, nos olhos do livro francez. Isto não chega. Eu bem sei que o meu amigo está pensando em certos livros e certos autores, para me dizer que isto não é assim, que, ao contrario, ha uma formidavel fermentação de ensaistas, de romancistas, até de poetas que acompanham a moda. Sim, a moda concordo. Mas a moda é para os vestidos das mulheres. O nacionalismo agressivo e mistico que hoje domina o Mundo, o hiper-psicologismo de certos analistas subtileis do se sexo e dos seus desvios, o revisionismo *outrancier* de certas conclusões historicas e sociais do Passado, tudo isso tem o seu reflexo em Portugal.

«Tem! E' certo. Eu reconheço-o.

—Alguns casos...

—Aparece, por exemplo, em França um Maurras, logo surge em Portugal uma chusma de Maurrasinhos que são formidaveis. O mestre francez reabilita a Luiz XIV? Aqui os temos nós, exaurindo-se a reabilitar o D. João VI. Um senhor da Action Française pretende provar que Maria Antonieta concebeu por milagre? Logo os nossos desatam a sustentar que Carlota Joaquina era virgem. E documentam-se, e fazem erudição e exibem provas. Claro que as mais das vezes todo esse esforço não é mais do que palavras postas a

prumo sobre idéas preconcebidas, para um publico de élan já conquistado. Surge em França, o subtil analista das coisas que não merece a pena analisar, do morbido e do prevertido. A luminosa e clara França de Anatole, de Maupassant, do Daudet, toma o homem a serio e mais a sua prosa de dicionario e de tábua de logaritmos, cortada aqui e ali de relampagos de luz, mal empregados. Pois tanto basta para que apareçam logo em Portugal dois ou três filhos do Proust a maçarem a gente—e sem relampagos.

E sempre ironico, caustico, incisivo, Ramada continua:

—E o ensaio então? Disseram ao português que ele era imaginoso, sentimental, sem espirito critico. Surgiu um homem, inteligente, criterioso e culto, Antonio Sergio, a dizer-lo com probidade mental e estudo. Val daí, está um jovem na puberdade e desata a fazer «ensaios», até com perigo da saude... E erudito! São as opiniões deste e daquele e é o Kayserling e o Spengler e são os ingleses e os americanos e os suecos—e *tutti quanti*. Não lhes sobeja, nem miloies nem espaço—para fazer humildemente um raciocinio de sua conta. Ah, o sr. Antonio Sergio teve muita culpa!

—O que nos diz da chamada literatura de vanguarda?

—Se entramos no campo das formas da arte de vanguarda, caímos numa especie de *gnose* comanditada por todos os heróis das Descobertas e necessariamente com uma interpretação esoterica—porque sentido corrente não tem nenhum acessivel. Os seus autores acreditam no D. Afonso Henriques e nas bruxas, ao que parece. Cultivam o estilo apocaliptico e tenho á impressão que estão desempregados. O caso é já velho e velho e o Nordau e o Gasset já, era o pequeno, escreveram sobre ele paginas definitivas. Há sujeitos que escrevem livros de versos esquecendo-se de nos dar a sua palavra de honra que aquilo é verso e tem sentido. Eu por mim, acho graça. Mas com o que fico furioso é com uns sujeitos, normalissimos, que dão palmas, emitem opiniões sobre o caso clinico e procuram fazer-nos acreditar que falam serio.

Essa admiravel temperamento literario que é Tomaz Ribeiro Colaço tem focado alguns casos com intelligencia, bom senso e graça. Houve em todos os tempos uma literatura—fóra da literatura. E ás vezes um *catatónico*, um debil mental, tem uma imagem, uma linha, um verso... E' preciso não nos admirarmos de nada e procurar compreender tudo.

—E' o que faz o doutor?

—Pois claro! E a proposito, não me julgue insensivel aos escritores de «vanguarda» Antonio Botto, por exemplo, tem a minha admiração. E' como uma orquídea rara—no meio dum prado de flores mais ou menos naturais. (Veja como eu hoje estou imagetico e *cursi*). Sobre este escritor, que eu já vi proposto num jornal como possivel candidato ao premio Nobel—tanto não digo...—tem-se feito um intenso e legitimo movimento de curiosidade. Têm-lhe passado por cima da obra apreciações e criticas que marcam, como acontecimento literario, na pobreza do meio. E' talvez o caso literario mais comentado dos ultimos tempos.

Ultimas palavras:

—Enfim, meu amigo; os senhores, os jornalistas, têm uma grande missão a cumprir—orientar o gosto, despertar o interesse publico, fazer-lo incidir sobre quem o merece, desvia-lo dos casos anedoticos, ser justos, enfim... E se, para tanto, fór preciso não se referirem, com a bondade e o favor com que o têm feito, ás minhas pobres tentativas no romance e no teatro—eu acho bem. Ficam-me os Codigos e chegam.

A FANTASIA DO FUTURISMO**MARINETTI****e o seu ultimo manifesto****Os novos prazeres latinos destinados a redimir a humanidade da sua vil tristeza****MARINETTI**

A humanidade envelheceu, cansou-se através de milhares de anos de existência. Um eclipse de pessimismo parece obscurecer a clara luz do sol e também da razão. Mediu-se o universo, desceu-se aos abismos da filosofia, esgotou-se a taça dourada das euforias, violou-se o céu e até mesmo a eternidade. Mas a insatisfação, humana, persiste, sem que o pensamento encontre alguma coisa de novo a preencher.

Gira sobre si mesmo, num movimento sem fim, passando sobre os mesmos círculos já descritos. E' contra este tédio que F. T. Marinetti inventou esta deliciosa pagina de «novos prazeres latinos». Ha aqui de tudo:—absurdos realidades, fantasmagorias e fumisteries. Marinetti surge-nos como um Wells, não de caracter científico, mas literari. aos tombos entre o concreto e o indefinido. Ponham o vertice duma pirâmide de pernas para o ar, e terão, sugestivamente, a impressão que nos produz este sensacional documento ainda inedito na imprensa portuguesa:

A vaga tristeza que pesa sobre a humanidade aparentemente fatigada impõe-nos o dever de inventar novos prazeres latinos. São indispensaveis e urgentes.

Para que um sorriso mediterraneo illumine esta criação consulte um poeta futurista rico de humorismo: Luciano Folgore. Trabalhamos juntos.

Primeira verificação: toda a febre de dinheiro que atormenta as cidades e os campos é empregada em prazeres monotonos e cansados, que já não podem satisfazer: snobismo paraisos artificiais do alcool, cocaina, amores congelados por uma voluntaria elegancia com confusão equivocada e mistura de sexos imprecisos, mascarados, blasés, liquidados, noctambulismo, dança e jogo, tédio de nos odiarmos em companhia para fugir á confusão das intrigas, das maledicencias, dos potins. Carnaval sem alegria, etc.

Novos prazeres latinos para o espirito

I—Esquecimento voluntario e metodico dos acontecimentos e das paisa-

gens para nos curarmos da nostalgia corrosiva e fortificarmo-nos por surpresas continuas.

II—O teatro-berço, cujos espectadores suspensos em rédes tactis, podem seguir com uma alma infantil e um sentido planetario, o jogo dos artistas filmado num «ecran» colocado no tecto e escutar as vozes rejuvenescidas ou assombradas pelos alto-falantes, de tal maneira que o movimento do berço vai, ininterruptamente, da recordação á esperança.

III—Angustia excitante e curativa. Exemplo: produzir num individuo ou numa multidão a ilusão duma desgraça, para a dissipar imediatamente, dando-lhe assim a radiação maxima da alegria.

IV—Turismo em casa, com todas as paisagens e todos os climas distribuidos em dependencias, cada uma com as suas cores, formas, perfumes e temperaturas.

V—O hotel com surpresas, servido por aviões nocturnos e furtivos. Dormir no quarto dum hotel duma cidade conhecida, mas o vosso corpo sopitado voa acordando noutro quarto, dum hotel imprevisito no fim do mundo.

VI—A vida-poema, dinamizada, cantada, verbalizada como um poema futurista, dispondo dos dias e das noites duma maneira sensacional e romanesca, deixando sempre a porta aberta ao Imprevisto. Isto é, o romance tirado do livro; o destino metteur-en-scene.

VII—O prazer da concorrência in-

dustrial de preços e modelos dirigidos por um júri de poetas.

VIII—O vestuario integral da mulher para lhe restituir ao corpo o indispensavel encanto misterioso.

IX—O teatro-aereo realizado em Busto Arsizio pelo aviador-poeta futurista, que efectuou no céu a primeira dança pantomima com aviões vestidos de poetas, soldados, raparigas, burgueses e cortezãs num movimentado quadro de fumos coloridos.

Novos prazeres latinos para o corpo

I—Vestuario metafisico tactil e sonoro, regulado segundo a hora, o dia, a estação e a temperatura para dar as sensações de aurora, do meio dia, do crepusculo, da noite, da primavera, do verão, do inverno, do outono, da ambição, do amor, etc.

II—O prazer do prurido provocado e calmo.

III—O prazer de espirrar provocado e calmo.

IV—O prazer de rir aos que caem preparado em divans, cadeiras de papelão e de balanço.

V—Hidro-prazer obtido por meio dum teclado termico de aguas correntes que dedilhem agradavelmente sobre o corpo, na banheira.

VI—A torneira musical, cuja boca graduada emite alternativamente a musica duma fonte, dum regato, dum rio, dum mar, etc.

VII—O contraste optico. Exemplos:

As bodas de prata do curso juridico de 1905

Vai reunir-se, em Coimbra, comemorando as bodas de prata da sua formatura, o curso juridico de 1905-910. Os rapazes de capa e batina, que cruzaram a Via Latina, cantaram na estrada da Beira, atirando versos ás estrelas e ás raparigas, sonharam, viveram, e o menos possivel estudaram, são hoje velhos de cabelos brancos. Fez Vital, Antonio Bourbon, Cunha Oliveira, Almeida Ribeiro, Facco Viana, Carlos Barbosa, Teixeira Dias, Correia da Encarnação, Miranda de Vasconcelos, e tantos outros. Ministros, advogados, professores, mas todos estudantes, que regressam aos vinte anos—trinta anos depois. Esta composição poetica, ligeira e graciosa de musa em férias, tem, no entanto, um travo amargo de tristeza. Uma lagrima que se disfarça num sorriso, um remexer de cinzas que o vento arrasta e desfaz numa poalha dourada de melancolia. Cantam doutores estudantes no seu Choupal de saudade, como ha trinta anos:

CONDISCIPULO AMIGO:

«A vida são dois dias»,
Segundo Icilio Vanni... As poucas alegrias,
Que ela nos dá, são fartamente compensadas,
Por um excesso colossal de tremendas maçadas!
Dá aos diabos a obrigação seja qual for,
E vem a Coimbra, recordar, falar d'amor,
Tocar guitarra, beber vinho, ser rapaz,
Anda daí!... Anda mostrar de que és capaz!
Corre-te a vida mal? Adeus! Isso que importa!
Deixa lá! Quem vier atrás que feche a porta!
Vem viajar no tempo, andar p'ra trás, subir
O curso deste rio da vida que a fugir
Não lhe ganha nenhum na rapidez que leva,
E tão veloz conduz ao grande mar da treva...
Nada de entristecer! Só no fim do jantar,
Que depois de beber é alegre o chorar!
Mete-te no comboio, alegria na mala,
Boa disposição, algum dinheiro e ala!
Nós lá te esperamos nessa Coimbra enternecida,
Que guarda o que melhor nós tivemos na Vida!
Não faltes! Vê lá bem! Olha que estás tapado...
E com uma falta a mais, tens o ano encravado...

Já lá vão tantos anos que isto mesmo ouviste!
E foste rir connosco, regressando triste
Por ser tão breve a luz, dessa estranha alvorada
Que renasceu então, vibrante, afogueada
Em todos nós, cantando a mocidade, a Vida!

Volta lá outra vez e deixa bem esquecida
A idade e com ela tudo que entristece.
Coimbra ainda é linda, verás que merece
A nossa romaria, alegre, descuidada!
Se não vais... és um velho e não és camarada...

condensar a sombra num quarto para que a luz, rasgando bruscamente, produza uma alegria muito viva. Triangulizar de preto, azul ou vermelho uma atmosfera incolor, para logo a encher de curvas pretas, azues, vermelhas...

VIII—A velocidade pela velocidade: Encerrarmo-nos dentro dum automovel completamente fechado sem vidros, e regular caprichosamente as suas velocidades e iluminações, harmonizando-as.

IX—As miragens em casa. Exemplo: passar rapidamente dum quarto cor de rosa a um violeta, com perfume de violeta, ou a um branco, com perfume de acacias, jasmims, etc.

X—O longinquo-imediato, graduando as distancias por meio de lunetas especiais, obter o prazer de possuir o que parece inacessivel.

XI—Da charge á verdade, o prazer de girar sobre uma placa com eixo, que permite vermo-nos ora num espelho deformante, ora num espelho exacto.

XII—Os jantares harmoniosos ou contrastantes, de paladar, aroma, visão, etc. Exemplo de jantar harmonioso: prato de peixe, cheiro de mar e rochedos, mais ritmo de vagas, profundidade de horizonte maritimo.

Exemplo de jantar contrastante: gosto de costeleta mais perfume de rosa e baunilha, mais Stabat Mater de Rossini, mais dança negra.

XIII—Jantares psicologicos, com uma dosagem de molhos, regulada segundo os estados de alma provaveis dos convivas, porque não se pode comer a mesma coisa quando se festeja um baptismo como quando se glorifica um general.

XIV—O sono de arte que se entreabre, condensa, prolonga ou termina por musicas, penumbras, e perfumes graduados.

XV—Electrificação da vida. Exemplos: electrizar um orador ou a terra sobre a qual passa um regimento em marcha, ou o soalho duma sala de dança.

* * *

Foi conversando com os dezoito anos elasticos do aero-poeta futurista sportivo Buccafusca que inventei estes Novos latinos sports simultaneos:

I—Foot-ball e corrida a pé—Os jogadores perseguirão a bola através de campos sucessivos, dos quais uns são previstos e outros improvisados.

II—Corrida a pé, box e luta greco-romana—O corredor derrotado pode levantar-se e vencer definitivamente em corrida de velocidade quem o venceu em pugilismo ou em luta greco-romana.

III—Corrida a pé, em automovel, bicicleta ou motocicleta alvejando ao mesmo tempo alvos fixos ou moveis.

IV—Corrida em automovel á maneira dos «tanks» através de florestas, campos e escarpas.

V—Maximo de lentidão em bicicleta sob o tiro de projecteis desagradaveis, como frutas podres, ovos, agua salgada, jactos de agua, etc.

VI—«Golf» cantado e dansado—Jogadores e espectadores entremelam a partida de canções e dansas.

VII—Golf e tiro—Jogadores e espectadores armados de carabinas, alvejando a trajetoria de balas.

VIII—Corrida pedestre e declamação de versos.

VIII—Corrida pedestre e declamação cicleta, bicicleta, a cavallo e a nado, com problemas matematicos, poemas, desenhos a acabar ou a resolver.

XI—Corrida de aviões e automoveis com jogo de xadrez entre pilotos e mecanicos.

Tudo isto com força e beleza, segundo as leis elasticas do Mediterraneo.

F. T. MARINETTI

★ PANORAMA INTERNACIONAL ★

“Lanterna Verde.”

No luxuoso e bem colaborado boletim da Sociedade Felipe de Oliveira, que se publica no Rio de Janeiro com o lindo título de Lanterna Verde — nome também dum dos livros do malogrado poeta — Renato de Almeida dá-nos um rápido mas brilhante resumo da actividade literaria brasileira durante o ano de 1934. Ali aparecem obras já nossas conhecidas, na poesia, no romance, no conto, no cronica e no ensaio. Mas muitos dos livros e autores citados são quasi ignorados em Portugal. Por exemplo, Augusto Frederico Schmidt, Manuel de Alvor, Carlos Drummond de Andrade, Henrique de Rezende, Carvalho Filho, Eugénio Gomes e Godofredo Filho. Liricos de inegavel talento, Renato de Almeida entende que nenhum deles cria ou manifesta influencias, procede de qualquer escola ou pode fixar directrizes novas, porque, diz ele «a poesia é hoje no Brasil um estado de espirito pessoal, vale como uma confidencia e não resulta disso tendencia alguma». Talvez o conceito seja exagerado. Que mais foi do que simples confidencia a poesia dum Verlaine, dum João de Deus, do proprio Bilac? No entan-

to, qualquer desses poetas deixou, sendo discipulos seguidores, e determinou a eclosão de inéditas formulas de arte. E não será bom, acaso que nesta epoca nascida e medrada sob o signo do colectivo, os poetas fiquem lembrando aos homens a delicia, o orgulho e a força do sonho individual? Ao menos, sempre dão assim pretexto a que não se esqueçam de todo cousas porventura tristes, mas sempre encantadoras e exaltantes...

Pierre Laval

A flexibilidade, a maleabilidade da politica externa da França encontraram em Pierre Laval um dos seus mais representativos e dignos elementos.

Depois de Briand, Luiz Barthou; depois de Barthou, Pierre Laval. Personalidades diferentes e, em tantos dos aspectos da sua acção, personalidades opostas. No fundo uma linha identica de conduta, um pensamento semelhante a animar o seu amor á causa da paz, e o seu sentimento de defesa da causa nacional.

Briand era o sonho, Barthou, o movimento; Laval, a ponderação. Quando este homem publico tomou a direcção dos negocios ex-

ternos da França, houve quem manifestasse receios e surpresa.

O horizonte internacional apresentava-se carregado; as questões complicavam-se e multiplicavam-se com uma rapidez impressionante. O seu antecessor operara a manobra de ressurgimento exigido pelas condições criadas pelo advento do hitlerismo, era indispensavel, porém, consolidar o trabalho feito e abrir novas perspectivas á tarefa de entendimento que a França empreendia e procurava levar a cabo.

Laval foi o homem que as circunstancias exigiam. Na sua folha de serviços avultará sempre, como um triunfo brilhantissimo, a aproximação com a patria de Mussolini.

A «entente» ocidental que os dissídios da paz quasi haviam anulado, ressurgiu como um trabalho esplendido de paciencia e tacto diplomatico.

Agora, em Varsovia e em Moscovo, Pierre Laval vai certamente confirmar os titulos que já o acreditaram como um dos mais dedicados obreiros da causa da paz e do entendimento europeu.

A entente franco-russa

A historia, quando se não repete, oferece por vezes coincidencias verdadeiramente espantosas.

A Europa dos nossos dias não faz, essencialmente, uma grande diferença do continente que assistiu ao deflagrar da conflagração mundial em 1914.

Os homens de boa vontade e os utopistas sofreram, nos seus calculos e nas suas presunções, um rude desmentido. Os povos não apresentam, pelo que diz respeito ás suas características e á sua maneira de sentir, modificações muito profundas se os compararmos com aqueles que prepararam o conflito. Os procedimentos de governantes e diplomatas também se mantêm bastantes semelhantes.

Encontramo-nos, agora, em presença duma aliança franco-russa muito parecida com a que o czarismo celebrou com a Republica francesa que os radicais-socialistas de Waldek Rousseau, de Combes, de Delcassé e de Clemenceau animaram e consideraram. Os motivos ideologicos que podiam invalidar uma tal combinação, são hoje os mesmos que podiam valer ha trinta anos. Invalida-os, porém, um sentimento identico de pavor perante a ameaça da invasão germanica.

E' certo que alguns jornais conservadores e, sobretudo, alguns jornais de grande informação combatem, com vivacidade e argumentos, a «entente» franco-sovietica.

Mas recordam-se os homens do nosso tempo da opposição violentissima que nos círculos da extrema esquerda, da França, e da extrema direita da Russia, provocou a primeira convenção militar, depois o tratado de aliança que franceses e russos celebraram no fim do seculo passado?

A França não se viu envolvida na guerra porque a Russia para isso a tenha provocado. Para ela a entrada na luta era inevitavel, como uma visão de vida ou de

morte, e não apenas em obediencia a determinados textos, por mais respeitaveis que estes se apresentassem.

Os homens de leis e os homens de Estado, acumulam, frequentemente, rasões que só servem a explicar o procedimento necessario das nações ameaçadas. Agora mesmo nós vemos a Imprensa alemã apelar para os connectivos jurídicos de sir John Simon, como se a attitude da Grã-Bretanha se não determinasse pela razão profunda da sua propria existencia.

Vejam a minha



**nova
pele
branca**

Não ha sequer 3 dias
Nunca imaginei
Que poderia ficar
tão encantadora

A minha pele era amarela, escura e estragada. Havia desagradaveis pontos negros, grosseiras peluculas e poros dilatados em volta do meu nariz, do meu queixo e da minha tesfa. Hoje, a minha pele suave, branca e aveludada, e a minha tez esplendida causam inveja e pasmo a todos.

Não ha mulher que não possa, hoje em dia, branquear, amaciar e embelezar facilmente a sua pele usando simplesmente, todos os dias, Crème Tokalon. Alimento para a pele. Cór Branca (não gorduroso). Ele contém creme fresco e azeite predigeridos, combinados com alimentos adstringentes que branqueiam e tonificam. Penetrando logo, acalma a irritação das glandulas cutâneas, contrai os poros dilatados, dissolve os pontos negros de tal forma que chegam a desaparecer. Branqueia a pele mais escura e amacia a mais áspera. Ele enfeita-a dentro de 3 dias, com uma beleza e uma frescura novas e indescritiveis, e isso de tal forma que não seria possivel obtê-lo doutra maneira.

Deverá ser usado todas as manhãs. Procurá-lo nas perfumarias ou escrever á Agencia Tokalon, Rua d'Assumpção, 88, Lisboa, que atende na volta do correio.

«RUTHER»—E' um preparado científico que usado diariamente evita a queda do cabelo e combate a caspa.

A venda na Farmacia Silva Garvalho. 124, Rua dos Fanqueiros, 126.

—Ora has de ver como ficam bonitas na Virgem!

A velha pegou no copo que fechára no avental; manso, muito manso, meteu-o no cabaz; e cabisbaixa, a limpar os olhos, se foi dali.

Monsenhor D. Justo quedou um momento de olhos fitos a vê-la ir e proferiu:

—Ora vejiam, a obedecer a designios que julgava meritorios, magoei a alma desta santa. Nem sempre os caminhos, que nós imaginamos conduzir a Deus, são os mais direitos. Paciencia, somos o verme da terra. Ele a infinita sabedoria. Bonifacia deve ter razão, desculpa. Vai, vai e deixa as pratas!

AQUILINO RIBEIRO

“RECORD” MUNDIAL DE FORÇA



Hitler, o homem que levantou contra ele... o mundo

(Do “Journal”.)

A estátua de Nossa Senhora

(Continuação da 4.ª pagina)

e digna representação para agradecer. Mas tu não comprehendes... Guarda o copo, guarda o, que eu devia saber que a tua alma é singela... de nenhum modo a dum rei de Tule.

Intimidada, mas sempre pesarosa, a sopesar objecto por objecto, foi-os Bonifacia deitando para dentro do cabaz:

—Tambem o cálice, monsenhor? Depois não tem com que dizer missa...

—Tambem o cálice. Os santinhos têm-nos á venda de níquel doirado. Para mais, cada templo possui o seu calice. Este era-me inutil. Calice «rococo», fins do seculo XVII, de estimavel conta apenas pelo peso. Um arratel, hein?

—Abonado, monsenhor—respondeu o artifice. Quando tudo estava outra vez dentro do cesto, D. Justo pegou nele e entregou-o ao cinzelador, dizendo:

—Vai, derrete isso, e não te incomodes com as lamentações desta boa avarenta. Choras, mulher? E' o maior pecado de que has de dar contas ao Senhor!

—Será pecado, será, mas eu queria tanto a estas pratas!